

# O MOMENTO feminino

Cr\$ 1,00 ★ ANO I ★ Nº 6

SEXTA-FEIRA, 29 DE AGOSTO DE 1947

UM JORNAL PARA O SEU LAR



Debater os problemas da mulher e estudá-los é dever de tôdas nós. Sagramor, Lígia, Arcelina e Odila, realizam hoje na A.B.I., às 20 horas uma conferência sobre os nossos problemas.

# Nossos Problemas

ARCELINA MOCHEL

O dia 22 de agosto é imortal na nossa história.

Imortal em 1942, quando, à frente da juventude estudantil, o povo brasileiro exigia a entrada do Brasil na guerra contra o Eixo.

Imortal em 1947, quando, mais de 60.000 patriotas homenageavam os feitos heróicos dos nossos bravos expedicionários e a reunião dos chanceleres em Petrópolis viram-se surpreendidos pelos atos arbitrários da polícia política, acabando com a festividade e baleando o povo.

Os atos criminosos praticados pela polícia no comício da Esplanada do Castelo merecem de nossa parte especial atenção, não somente pelo absurdo da reação, nesta altura de grandes conquistas democráticas, como pelas ameaças que apresentam à quebra de liberdades constitucionais.

Nada justifica a ação ignominiosa dos agentes policiais, cuja presença em qualquer manifestação pública só é permitida para a manutenção da ordem porventura perturbada.

A nós, mulheres, a ocorrência do dia 22 só pode nos conduzir a reforçarmos nossa união e organização, a fim de garantirmos a luta democrática pela solução dos nossos problemas.

É evidente que sem liberdade, não podemos colaborar com as autoridades nas questões de abastecimento, de transporte, de escolas, hospitais, creches, habitação e cultura do povo.

Muito temos sugerido às autoridades, procurando auxiliar a administração pública. Temos feito críticas e as faremos sempre que acharmos erros administrativos que impliquem em sacrifício à família brasileira.

Por isso compreendemos que apenas num regime democrático é possível haver entendimentos entre o governo e o povo, a fim de tudo ser

resolvido em benefício da coletividade.

As mulheres lutam por essa forma de regime, único compatível com as suas aspirações, único compreensivo depois de todo o nosso esforço patriótico na luta contra o fascismo.

Homenageando os ex-combatentes da guerra de libertação lembramo-nos dos sofrimentos das mães, esposas e noivas dos esquecidos pracinhas, que jazem no cemitério de Pistoia.

Elas são a honra e o orgulho da mãe, brasileira, merecedoras de todas as garantias e todos os direitos.

São as mães de coração cheio de dor, de saudade, mas de olhar firme, esperançoso e confiante em outras vitórias democráticas, iniciadas pelos seus entes queridos, na guerra.

Hoje, ainda vemos desigualdades e injustiças. Mas não cruzamos os braços para as reclamações. Compreendemos que nenhuma mulher pode deixar de tomar posição na luta comum pela conquista de suas reivindicações, e por isso lutamos.

Eis porque, todas nós protestamos contra os atos do dia 22 de agosto e reafirmamos nosso propósito de, unidas, defender a democracia, forma elevada de assegurarmos a solução dos nossos problemas básicos.

Outros 22 de agosto virão e certamente, não mais apreciaremos uma chachina idêntica a deste ano, porque o povo compreende a necessidade de se organizar e garantir as instituições democráticas e a segurança de nossa Carta Magna.

Preparemo-nos, queridas amigas, para as futuras apoteoses comemorativas da mais elevada data nacional, a que assinala a vitória do Brasil contra o fascismo.

## Coisas que aconteceram...

(dos jornais)

NOVAS MOEDAS, NOVAS EFIGIES...

Discutida na Câmara Federal, a mensagem presidencial, solicitando autorização para a emissão de duros e quarenta mil moedas avulsórias, a fim de atender à falta de troco, no interior do país. O sr. Alomar Baleeiro sugeriu fazer gravadas nas moedas uma efígie feminina, mas o sr. Aloisio de Castro propôs a efígie do sr. Eurico Dutra, tendo sido aprovada a lembrança deste último.

MORREU A VIÉVA DE EDISON

NOVA YORK, 25 (A. P.) — Faleceu ontem à noite a senhora Nina Miller Edison, de 82 anos, viúva do inventor Thomas Alva Edison.

PRESOS POLÍTICOS NA ESPANHA

LONDRES, 25 (U. P.) — Segundo informam as esferas republicanas espanholas em Londres e de acordo com estatísticas por elas obtidas, existem atualmente 106.249 presos políticos nas oito diferentes zonas presididas da Espanha franquista. Essas estatísticas, que foram confeccionadas pelo Centro Basco de Informações, contrastam com as estatísticas oficiais espanholas, que mostram que somente há na Espanha 40.500 presos, dos quais 12 mil por crimes comuns e 4 mil por "delitos de rebelião com derramamento de sangue".

UM CONVITE AO PREFEITO...

O prefeito recebeu um telegrama do governo soviético, fazendo-lhe um convite para comparecer às festas comemorativas do 800.º aniversário da fundação da cidade de Moscou. É o seguinte o telegrama:

S. E. General de Divisão Angelo Mendes de Moraes, Prefeito do Distrito Federal.

Comemora-se a 7 de setembro de 1947 o 800.º aniversário da fundação da cidade de Moscou — a capital da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

Por esse motivo serão realizadas festividades solenes comemorativas.

O Soviet de Moscou tem a honra de convidar a V. Excia. como também dois delegados da capital da República para assistir às festividades comemorativas que terão lugar em Moscou, nos dias 6, 7 e 8 de setembro p. f.

O Soviet de Moscou terá a máxima satisfação de aguardar a chegada a Moscou da delegação do Rio de Janeiro como seus convidados de honra. Peça-lhe o especial favor de acusar o recebimento do convite como também comunicar ao Soviet de Moscou os nomes dos delegados com a possível brevidade até o dia 2 de setembro p. f.

a) Popov, presidente do Soviet de Moscou.

AS MULHERES AMERICANAS CONTRA A UNIFICAÇÃO DOS ARMAMENTOS

O Congresso Inter-americano de Mulheres, reunido na Guatemala, remeteu uma mensagem ao secretário de Estado norte-americano Marshall anunciando o seu repúdio ao plano de unificação de armamento e fazendo-lhe ver a necessidade de que o custo ocasional desse armamento reverta em benefício da produção de máquinas agrícolas e material sanitário. O mesmo Congresso dirigiu outra mensagem ao Chanceler do Brasil e presidente da Conferência do Rio de Janeiro, solicitando o rompimento das repúblicas americanas com os governos de Trujillo e Somoza e o repúdio ao general Franco. (AFP).

## "NOSSAS AMIGAS"



Dissimos em nosso primeiro número que MOMENTO FEMININO tem um programa a cumprir: defesa da felicidade, da alegria, do bem estar da mulher e da criança. Problema profundamente humano. Mas para a existência de nosso jornal dissemos também que precisamos da ajuda de todos: amigos e amigas. Ajuda imediata e prática. Propomos então a vocês hoje, a criação de grupos de amigos de MOMENTO FEMININO. Esses grupos serão o nosso sustentáculo e o nosso estímulo.

Você — amiga — veja no seu círculo de relações essa possibilidade organize uma, duas, dez, cem amigas suas e com elas ajude nosso jornal que é seu jornal.

Você quer fundar um grupo de "Nossas Amigas"? Venha à nossa redação a qualquer hora.

Solicitamos as Nossas Amigas que tanto nos vêm ajudando na venda do MOMENTO FEMININO que compareçam à redação das 10 às 12.

Nossa encarregada do expediente as atenderá.

MUNDO DE HOJE



MUNDO DE HOJE



MUNDO DE HOJE

ENEIDA

Como começar este noticiário semanal sem falar em vocês, amigas do Distrito Federal, tão barbaramente espancadas e humilhadas na noite trágica de 22 do corrente na Praça do Expedicionário? O título deste pedaço de página se envergonha, com certeza. No mundo de hoje um espetáculo igual ao de 22 é tão "fora de moda", tão incompreensível, tão monstruoso que o comentário, o mais justo, parece incolor; é incapaz de dizer o que foi aquele crime. Não creio que haja entre nós, como em qualquer outro lugar do Brasil, uma só mulher que não se tenha comovido e revoltado com as atrocidades cometidas pela polícia num comício em que todos os partidos se reuniam para comemorar a data de entrada do Brasil na guerra contra o Eixo. E nosso apêlo de sempre se torna mais forte: unamo-nos! Estreitemos as nossas mãos e defendamos a Democracia, defendamos a Constituição, defendamos intransigentemente o Brasil para que ele não volte ao caos, à escuridão, ao assassinato frio de outros tempos. Que os herdeiros de Hitler desapareçam de nossa pátria e para isso é mais do que

nunca imprescindível, urgente, a nossa união.

Amigas do Distrito Federal o vosso heroísmo é uma bandeira pela Democracia brasileira.

Leiam este trecho de artigo publicado por uma revista de mulheres iugoslavas: "Nos momentos mais duros de nossa luta sonhávamos com uma vida feliz para o nosso país. Foi lutando que criamos as condições necessárias para a realização dessa vida. Nos momentos mais duros, antes de ser fuziladas ou enforcadas, no momento em que as mulheres sofriam mortalmente, muitas de nossas mães tinham diante dos olhos esse futuro e morriam com estas palavras nos lábios: "Morro por um futuro melhor para meu filho, para todas as crianças do mundo". Essa a herança que recebemos.

A Iugoslávia realiza, de acordo com sua Constituição, um plano econômico "cuja finalidade é proteger os interesses vitais do povo, assim como o desenvolvimento de sua prosperidade, pela exploração racional de todas as possibilidades e forças econômicas do país".

Ainda a revista "Zena Danas", publica um artigo sobre o movimento das muçulmanas para retirar os veus que usam há milênios, para esconder o rosto. Diz o artigo:

"Apesar das muçulmanas terem, como todas as mulheres de nossa jovem república popular, adquirido sua igualdade de direitos e apesar dessa igualdade lhe ser garantida pela Constituição, há ainda um grande número dentre elas que continua sob a escravização dos velhos costumes feudais do passado. Um desses costumes e o mais cruel, é o de esconder o rosto, ou usar o "feredja". O "feredja" comprido e preto e o rosto velado atrapalham a mulher impedindo-a, principalmente de trabalhar, de se instruir e de atingir um novo nível profissional ou cultural.

As muçulmanas consideram hoje que o uso do véu é um ataque contra a liberdade pessoal das cidadãs e contra a igualdade e os direitos da mulher e que, por conseguinte, está sujeito à punição como uma afronta aos direitos civis garantidos pela Constituição Iugoslava".

A Conferência de Petrópolis continua. Chamamos a atenção de vocês, amigas, para este trecho de discurso do delegado da Guatemala:

"Nossos Estados padecem de um processo macrocefálico. Cidades formosas e que a cultura, a alegria e a comodidade florescem, mas tendo atrás vastas regiões em que a vida decorre em condições miseráveis...

"As estatísticas de homens que nascem e morrem sem assistência médica, em muitos de nossos países, são pavorosas. A estas circunstâncias se deve somar o atraso econômico que impede a elevação do nível de vida para as classes trabalhadoras, o melhor aproveitamento dos recursos naturais, a falta de mecanização nas culturas, a ausência de sistematização nos processos de produção, um regime de preços que não está em relação com a capacidade aquisitiva dos habitantes, a falta de indústrias, etc."

Amiga, não esqueça que na noite de hoje há uma conferência das nossas vereadoras na A.B.I. Sua presença é imprescindível.



# UM NOVO DIA

MARIA LUISA VERA

(Escritora mexicana)

Joãozinho ficou olhando a enorme fila de caminhões até que se perderam ao longe numa nuvem de pó.

De noite os operários se reúnem numa sessão do sindicato. Um a um vão expondo suas misérias e enfermidades; a exiguidade dos salários, os altos preços da alimentação, a falta de médicos e de remédios.

O pai de Joãozinho pediu aos companheiros que se dirigissem às empresas pedindo-lhes um aumento de salário, a criação de um hospital e outras coisas justas.

Num papel escreveram todas as suas reivindicações e as remeteram às companhias com a advertência de que se não fossem concedidas suspenderiam o trabalho, isto é, entrariam em greve.

Durante muitos dias os trabalhadores dos campos de petróleo esperaram a resposta.

Certa manhã Joãozinho não ouviu a sirena, papai permaneceu em casa, os irmãos carrancudos e pensativos também não foram trabalhar. Bandeiras vermelhas ondeavam ao vento, em todas as torres e em todas as portas.

Os donos das empresas não atenderam às solicitações dos trabalhadores.



Os trabalhadores se reuniram novamente. De onde sai o petróleo? — gritavam. Quem o tira das entranhas da terra?

Um trabalhador leu para seus companheiros a quantia que as companhias estrangeiras levam, em cada ano, para fora do México, enquanto que os trabalhadores mexicanos vivem num casebre, bebem água contaminada e não têm com que comprar um remédio.

Joãozinho contemplou os largos silêncios de seu pai, acompanhou-o às juntas, ouviu as discussões dos trabalhadores.

O Governo da República também ouviu suas queixas e fez justiça.

Certa manhã Joãozinho ouviu gritos e vivas. Chegou à porta.

Os trabalhadores se abraçavam e davam palmadas de alegria.

Uma banda de música improvisada percorreu as ruas do bairro.

Haviam triunfado.

Agora o petróleo era deles. Era do México. Agora o tirariam da terra com mais carinho.

Continuariam a vendê-lo porém o dinheiro serviria para que os trabalhadores vivessem em casas novas e bonitas.

A água pura virá até as casas, clara e limpa.

Joãozinho imagina sua mãe, sã e forte, vem à porta para ver uma cidade nova.

Anoitece. O júbilo popular não cessa. Se Joãozinho pudesse estar em todos os lares, viria em todo o México a mesma alegria e dorme satisfeito sabendo que a todos os trabalhadores espera UM NOVO DIA.

Joãozinho vive num campo de petróleo.

Desde que nasceu seus olhinhos negros só viram um céu enegrecido pelo fumo, muitas torres com travessões de ferro e grandes tanques-depósito.

O pai e os irmãos de Joãozinho trabalham num poço de petróleo.

Muito cedo, ao primeiro toque da sirena, saem da casinha de madeira que lhes serve de lar e vão para o trabalho.

Joãozinho os acompanha até o rio com um balde no ombro.

A água do rio não é azul nem clara como sua mãe lhe contou que é a água de outros rios, mas suja e espessa e o alcatrão que escorre dos barcos formou na superfície uma nata negra.

Mesmo assim tem que ser bebida.

O salário dos trabalhadores não é suficiente para comprar água filtrada.

Joãozinho chega à margem do rio, atravessa a ponte de madeira e saltando a grade se inclina sobre a água. Desce o balde atado com uma corda grossa, agita a água até romper a espessa camada de óleo e então solta um pouco mais a vasilha que gira enchendo-se lentamente.

Com o balde cheio volta para casa.

Pelo caminho observa os trabalhadores.

Uns vão para os poços e trabalham com as máquinas perfuradoras; outros armazenam o óleo em grandes barris; outros levam os barris para os barcos ou para as estradas de ferro; outros trabalham na refinaria.

O sol queima.

Faz muito calor e as ervas do caminho estão ressecadas e murchas.

Joãozinho anda depressa para chegar logo em casa.

Sua mãe está de cama com febre; há muito tempo que está assim.

A febre tornou-a débil e amarela.

Muitos trabalhadores sofrem do mesmo mal. Por toda parte vêem-se pessoas pálidas e trêmulas.

O único remédio é o quinino mas uma pastilha custa muito dinheiro.

Joãozinho põe-se de lado do caminho.

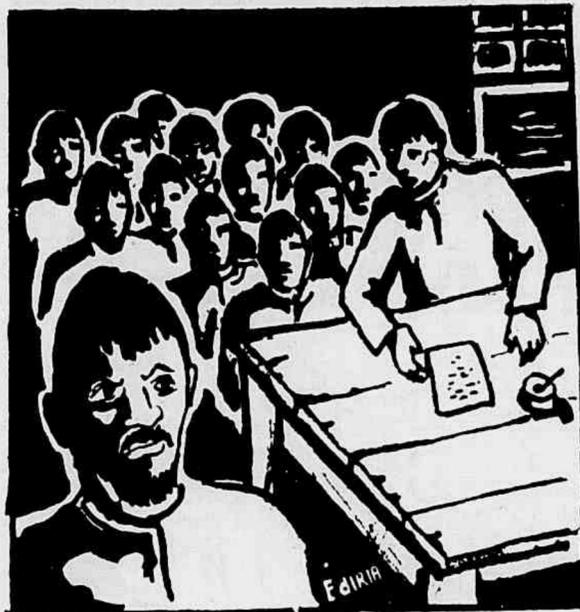
Uma grande fila de caminhões passou cobrindo-o de pó. Levam petróleo.

Todos os dias carregam milhares e milhares de barris.

Os estrangeiros louros e corados não fazem outra coisa senão olhar a saída dos caminhões e esfregar as mãos de contente.

O pai de Joãozinho diz que valem uma fortuna.

Para onde irá todo esse dinheiro?



Apesar de serem muitos ricos, não queriam que seus operários vivessem melhor, nem que curassem suas doenças.

## MEUS VERSOS ANA MONTENEGRO

(Especial para MOMENTO FEMININO)

Meus versos vão caindo como frutas maduras.  
Meus versos vão chegando como as chuvas de [inverno:

do sul, do norte, de qualquer parte...  
Podem vir quando o sol faz sementeira de luz,  
ou, quando, da garganta da noite, saem os la-  
mentos dos desabrigados...

Gostaria de trazer para meus versos,  
a história dos que foem da seca e encontram [morte,

deixando os filhos em túmulos perdidos...

Gostaria de trazer, para meus versos,  
a história das crianças que não têm pão,  
das crianças que não têm livros, nem roupas,  
[nem remédios;

das crianças que não sabem sorrir, que nem sa-  
bem falar,

e já estendem as pequeninas mãos à caridade [pública;

das crianças que não conhecem as histórias de [fadas,

nem recebem presentes nas noites de Natal,  
nem brincam de roda nas noites de luar...

Gostaria de trazer, para meus versos,  
a história das mulheres que sofrem duas vezes  
[a angústia da fome;

por si e pelos filhos que são a mesma carne e o  
[mesmo sangue;  
das mulheres que têm, no próprio corpo, a mar-  
[ca da miséria,  
e sentem uma dorida saudade do lar que não  
[tiveram.

Custaria de trazer, para meus versos,  
o sentido da luta dos que não querem guerra,  
porque seria o desejo de todas as mulheres que  
[lutaram

nas guer-ilhas defendendo a pátria estremeçada;  
das que sepultaram com os filhos a alegria da  
[vida,

que os viram voltar com a noite nos olhos, os  
[corpos mutilados, as mentes vazias.

Gostaria de trazer, para meus versos,  
o sentido da luta dos que não querem guerra,  
porque seria a vontade de todas as mulheres  
[que desejam em vão,

se debatem sósinhas, nas longas noites frias...  
que procuram razões, nas sombras do leito, o  
[companheiro que não voltará;

porque seria a vontade de todas as mulheres que  
[so-eram nos cárceres,

seria a inspiração de todas as heroínas que de-  
[ram suas vidas,

por um mundo de paz, de justiça, fartura e li-  
[berdade!

MOMENTO  
feminino

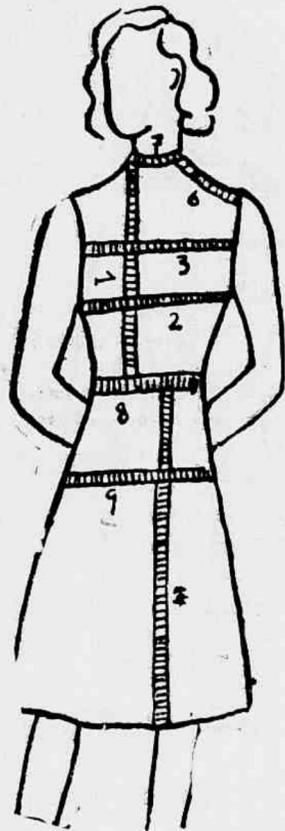
DIRETORA: ARGELINA MOCHEL

Redação e Administração:  
RUA DO LAVRADIO, 55 - 1.º andar  
Caixa Postal 2013 - Rio de Janeiro  
Número avulso: Cr\$ 1,00 - atacadado: Cr\$ 2,00

# Licções de Costura

JULIENNE

Nossa primeira lição será a maneira como se tiram medidas para o corte da blusa de um vestido



- (1) **Comprimento da blusa** — Ponha a fita métrica na nascente do pescoço até a cintura, aumentando à vontade de 0,20 a 0,25 cmts. para blusa comprida.
- (2) **Busto** — Coloca-se a fita debaixo dos braços duma costura à outra, passando no lugar mais saliente do busto.
- (3) **Igualdade** — Coloca-se a fita no meio da cava dum lado o outro.
- (4) **Costas** — Para as costas o mesmo que na frente em baixo do braço duma costura à outra.
- (5) **Igualdade das costas** — Do mesmo modo que na frente, no meio da cava dum lado ao outro.
- (6) **Ombro** — Da nascente do pescoço até a nascente do braço.
- (7) **Pescoço** — Passa-se a fita em volta do pescoço um pouco folgada.
- (8) **Cintura** — Passa-se a fita em volta da cintura.
- (9) **Cadeiras** — Passa-se a fita em volta das cadeiras.
- (10) **Braço** — Curvando o braço sobre o peito coloca-se a fita da nascente do braço até o punho se for manga comprida.
- (11) **Cotovelo** — Passa-se a fita em volta do cotovelo bem folgada, da mesma forma para (12) no punho.
- (13) **Comprimento da saia** — Da cintura até em baixo do comprimento desejado.
- (14) **Decote** — Coloca-se a fita da nascente do pescoço até o decote desejado.

Tendo as medidas divide-se por 2 — a igualdade — busto — costas — igualdade — cotovelo — punho.  
Ex: busto tem 0,50 : 2 igual 0,25.  
Divide-se por 4 — a cintura — cadeiras — pescoço  
As outras medidas ficam as mesmas — ombro — comprimento, etc...

# PARA SEU FILHO...

MESA DE FORTAS



Vamos ajudar a Mãe a vestir, orientar, distrair, educar, em suma, o seu menino ou a sua menina, e a de procurar interessar e divertir as crianças, ensinando-lhes brinquedos, contando-lhe historietas e anedotas, dando-lhe notícias relativas ao Ensino, às leis educacionais, à vida estudantil nesta cidade.

Agora, para começar, ensinaremos a Mãe a preparar a mesa da PRIMEIRA COMUNHÃO ou do ANIVERSÁRIO de sua filhinha ou de seu filhinho. Esta mesa se presta, principalmente, para a primeira solenidade, pois é toda branca e prateada, e muito vaporosa. Trata-se de linda ornamentação e que, relativamente, não sai cara. Basta que as Mães se munam de arame flexível (de preferência esse arame encapado, que as Casas Mattos, Cruz e congêneres já vendem prontos, para fazer flores de papel) pois não machuca as mãos, arame quase invisível, pouco mais grosso do que fio de linha, papel prateado (vão guardando papéis prateados de bombons, cigarros, etc.) e... pipocas. Sim senhoras! Pipocas, já prontas, bem saltadas, dessas que os pipoqueiros vendem nas esquinas, em suas carrocinhas. E podem dispensar o sal, que não é necessário.

Vamos à maneira de fazer: enrolem um por um, em papel prateado, os arames encapados (devem ser de grossura média) — sete ou oito arames devem chegar para cada árvorezinha. — A seguir, juntem os arames assim cobertos de papel prateado, todos num feixe, e prendam, uns aos outros, bem firmes, com o arame fininho, quase invisível (dois raios devem bastar para quatro árvorezinhas) numa altura de três ou quatro centímetros, deixando as extremidades livres. As de baixo servirão para, abertas em forma de aranha, ou antes, em forma de raízes, constituir o pedestal de

barro, dêses que se compram nas quitandas, e prendam de prata banana, dispostos em espatados pela mesa. Enche-se os vasinhos de arcaia bem branquinha, que pode ser ainda coberta por uma camada de "brilhanina" prateada.

Acabam de enfeitar a mesa com os restos que sobraem do véo de primeira comunhão de sua filhinha, se for o caso, fazendo laços bem vaporosos, que são arrumados nas extremidades. Esses laços também podem ser feitos em fita branca ou em papel crepon branco, o que fica mais barato.

Se quiserem gastar mais um pouco, e tornar a mesa mais ornamentada, podem fazer nosas brancas, de papel crepon, com as bordas das pétalas enfeitadas de brilhanina prateada, para ornamentar o prato de cada criança. Amarrando-se uma bala ao cabo de cada rosa, as crianças ainda ficarão mais satisfeitas...

Da próxima vez, ensinaremos a fazer essas rosas, assim como uns ramos de margaridas, em balas, papel celofane e papel comum, recortado, que ficam lindos.



Quanto mais florida, mas bonita fica. Prontas as árvorezinhas de pipocas, enfeitem com elas a mesa de aniversário ou de primeira comunhão. Se tiverem em casa um espelho sem moldura, de preferência oval ou redondo — (mas serve de qualquer feitio), coloquem esse espelho bem no centro da mesa, e dispoñam as árvores em redor, como se estivessem à beira de um lago. Refletidas no espelho, ainda mais graciosas se tornarão as pequenas árvores. Outra maneira interessante de arrumá-las consiste em "plantá-las" em vasinhos de

UM BRINQUEDO PARA OS DIAS DE CHUVA

Vamos ensinar a seus filhinhos um brinquedo divertido e sossegado para os dias de chuva. Podem tomar parte duas ou mais crianças. Se for realizado por quatro crianças, mais interessante se tornará. Chamá-se "desenho-disparate", e é assim que se brinca:

Toma-se uma folha de papel, e dobra-se em quatro cuidadosamente. A primeira criança deverá traçar, na parte superior do papel, uma cabeça, que poderá ser de gente ou de bicho. Deve desenhar sem que os outros parceiros saibam ou vejam o que está fazendo. Traça o pescoço, indicando, no alio da parte seguinte, por dois pequenos traços, ou pontos, o lugar exato em que parou o desenho. Passa o papel para o segundo

jogador, que tem a seu cargo desenhar a parte do tronco, do pescoço à cintura, e os braços até os cotovelos. Desenha também as escondidas, sem deixar ninguém adivinhar o modelo que escolheu. Ao terminar, assinala, por quatro traçinhos ou pontos, na parte seguinte, o lugar exato onde terminou o risco do tronco e dos braços. O terceiro desenhista tem a seu cargo a parte que vai da cintura aos joelhos, e dos cotovelos aos dedos. Procedo como os dois primeiros. O último termina o desenho das pernas, isto é, desenha desde os joelhos até os pés. Uns não devem contar aos outros o que estão fazendo. Pronto o desenho, desdobra-se o papel. E, então, duvido que vocês não achem graça no disparate que foi!

Aí vai uma amostrazinha do que pode acontecer...



## PRIMEIRA FESTA DE "MOMENTO FEMININO"

MOMENTO FEMININO transferiu a sua primeira festa que se realizaria hoje no auditório da A.B.I. O motivo desse adiamento foi o falecimento de nosso grande amigo, o vereador Manoel Venancio Campos da Paz.

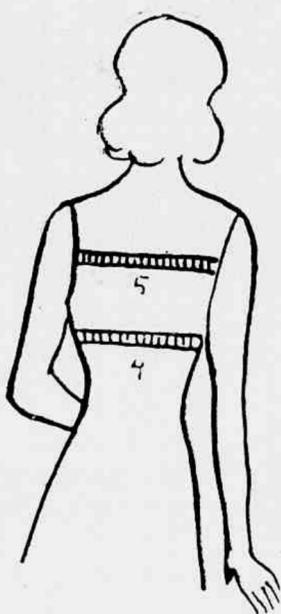
Oportunamente anunciaremos a data das conferências:

I — Lígia Maria Lessa Bastos falará sobre A MULHER COMO EDUCADORA.

II — Sagamor de Scuvero sobre ASSISTÊNCIA SOCIAL, GOVERNO E POVO.

III — Arcelina Mochel sobre A MULHER NO MUNDO DE HOJE.

A apresentação será feita por Odila Schmidh.



## TRATAMENTO DO CASAL ESTÉRIL

MOLESTIAS DE SENHORAS — OPERAÇÕES  
**Dr. Campos da Paz Filho**

Ginecologista  
Caixa P. Light — Laureado pela Academia de Medicina  
Edifício CARIOCA — Sala 218 — Tels.: 42-7550 33-5456

## ROUPAS PARA OS BEBÊS

Eles também têm sua vaidade. Gostam de vestir coisas bonitas. Veja os três modelos: um vestidinho de mousseline trabalhado com pequeninas pregas e uns bordadinhos.

O outro Bebê está vestido com uma roupa de linon bordado em côres.

O terceiro modelo é uma combinação prática para um garotinho. É uma calça azul rei sobre uma camisa de seda barca. No bolso o bordado é de três margaridas.



## HEROINAS DO BRASIL E DO MUNDO



Sonia Kovalevska, num desenho de Guilherme Camarinha, artista português, executado especialmente para a "Associação Feminina Portuguesa para a Paz"

### SONIA KOVALEVSKA (1850-1891)

SONIA CORVIN KRNOVSKY nasceu em Moscou em 1850. Filha de um oficial de artilharia, ficou orfã desde muito cedo. Estudou matemática primeiro de Heidelberg e depois em Berlim sob a direção de professores de renome. Casou muito nova com o professor de paleontologia, Kovalevski; e recebeu o grau de doutor em matemática aos 21 anos.

Em 1883 enviuvou e em 1884 foi nomeada encarregada da cadeira de análise da Universidade de Stocolmo, onde era professora de matemática.

Escreveu vários trabalhos de grande valor, tais como "A teoria das equações de diferenciações parciais", "Transmissão da luz por meio cristalino", etc., etc., mas de todos os seus estudos, o mais conhecido se intitula: "Sobre um caso particular de um corpo pesando em torno de um ponto fixo". Por este trabalho recebeu um prêmio da Academia de Ciências de Paris em 1888, prêmio conferido com estes dizeres: "Pelos extraordinários serviços prestados pelo autor à física-matemática".

Sonia Kovalevski também escreveu contos e novelas publicadas em revistas russas e suecas e publicou um livro literário intitulado "Recordações da infância" em 1899.

Morreu em Stocolmo no ano de 1891.

### MANOEL VENANCIO CAMPOS DA PAZ

Na hora que fechávamos a nossa edição de hoje, soubemos que o grande batalhador anti-fascista de Campos da Paz agoniza no Hospital da Beneficente Portuguesa.

Seria impossível a MOMENTO FEMININO deixar de registrar dor, saudade e emoção, diante desse fato. Campos da Paz é um amigo das mulheres e das crianças. A nenhuma de nós negou ele jamais, além dos seus conselhos bons de grande médico, a técnica de velho amigo, de bom companheiro.

Campos da Paz é uma das melhores criaturas do Brasil: honesto, culto, simples, bom, humano. Sabê-lo agonizando é uma dor que não encontra palavras para ser exprimida. Fique-se a dizer:



## UMA NOVA COLETTE?

Célia Bertin, aos vinte e cinco anos, estréia brilhantemente como romancista

S.F.I., para MOMENTO FEMININO

Por ROGER GIRON

Está sendo muito comentado, em Paris, um livro que se chama "La Parade des Impies", editado por Grasset, e cuja autora é uma jovem desconhecida, Mlle. Célia Bertin. Vamos assistir ao surto de uma nova Colette? Talvez... Um crítico, tão prudente como o é Sr. Robert Kemp, não hesitou em fazer referências a um "milagre", considerando ser quase "inexplicável" uma obra que se aproxima da perfeição e que foi escrita aos vinte e cinco anos. Em resumo, Mlle. Célia Bertin entra na carreira literária dotada dos mais belos predicados, apesar de ainda não estar libertada de algumas influências, entre as quais a mais evidente é a de Marcel Proust. Como o grande escritor do "Temps Perdu", ela tem o senso do que é fixo e do que é instável. Corre um lento e profundo olhar de miope pelo mundo e não nos perdoua nenhum detalhe, por mais fútil e indiferente que pareça. A autora de "La Parade des Impies" leu muito as grande romancistas inglesas, Katherine Mansfield, as Brontë, Virginia Woolf, e não hesita em se inspirar na sua técnica audaciosa, passando, por exemplo, sem transição, do estilo indirecto ao directo, o que não deixa de fazer, algumas vezes, certa confusão.

Eu diria, sinceramente, que o seu livro é um trabalho delicado de mulher, uma obra maravilhosa, uma tapeçaria brilhante. Há páginas de uma sutileza surpreendente, páginas de virtuosidade: "Chovia. A chuva em Paris tem um sabor agradável, e certas ruas, quando chove, parecem sair dos filmes de Charlie Chaplin. A estação do metro de Passy assumia um aspecto irreal. Não se encherava o fim das escadarias cinzentas, com os seus degraus que pareciam feitos de chumbo..."

A beleza desse livro imóvel se ostenta no fim. Sua beleza e sua grandeza. Antes, assistimos às mil intrigas de um pequeno grupo de "mulheres malditas". Cometeria um erro grosseiro quem quisesse ver em "Parade des Impies" um novo romance de Lesbos. As cousas estão no livro como acontecem na vida. A autora pintou um ambiente que conhecia bem, o pequeno mundo de comédicos, de artistas e de "snobs" dos dois sexos que se reuniam no café Flora durante a guerra, antes da conquista existencialista. Quando ficamos conhecendo Annyvonne de Pleuscol e a atriz Marine Audray, o hábito já tinha substituído a paixão.

Em torno dessa duas mulheres se agita um mundo postiço e bastante repugnante de frequentadores de "bars", viciados, fantoches para os quais Mlle. Bertin mostra uma justa severidade.

São eles que ela chama de "impies". Impios, os comediantes para os quais o teatro não passa de um meio para subir, e os artistas que consentem em cometer torpezas em nome da arte: impios, os colaboracionistas (o romance se desenrola durante a ocupação). Mas ao lado do "impios", vivendo ao meio deles, há os puros, os crentes, aqueles dos quais se descobre aos poucos, que vivem a sua vida no combate clandestino.

é seres que "trapaceiam com a vida, com eles próprios", mas, haverá sempre, também, os que têm em conta "a pureza interior das criaturas, suas razões de viver que as palavras sonoras não profanam, o dom que cada um pode fazer daquilo que não é necessário à sua existência humilde".

O grande mérito de Mlle. Célia Bertin — seja-nos permitido evocar, de passagem, a sua participação na Resistência francesa ao lado do heróico Pierre de Lescure — será o de ter sabido traçar uma linha divisória muito clara entre os dois grupos. Ou nos enganamos redondamente ou podemos esperar muito dessa estreante já tão segura de si mesma.

## "REMODELAÇÕES"

Semanário Político de PROPAGANDA E COMBATE

Diretora: Maria Yeda de Moraes Todas as sextas-feiras.

## ANEDOTAS LITERÁRIAS

### PATROCÍNIO E EDUARDO PRADO

Patrocínio, o prodigioso jornalista do Abolicionismo, morreu, como se sabe, preocupado com um dirigível de sua invenção. Ao tempo em que vivia abaixo e acima com a história do aerostato, recebeu a visita de Eduardo Prado. José do Patrocínio não pôde deixar de perguntar ao saudoso amigo de Eça de Queiroz, que era um monarquista ferrenho e bateu-se pela restauração do trono no Brasil:

— Ó Eduardo, você ainda acredita naquela história de Monarquia?

E Eduardo Prado, melancolicamente:

— Meu amigo, a minha Monarquia é mais ou menos como o seu balão: não sobe nunca...

### PATROCÍNIO E O "SANTO VARÃO"

Como se sabe, José do Patrocínio defendeu, na imprensa, o governo Prudente de Moraes, tornando-se um dos jornalistas queridos do oficialismo da época. Ficou célebre o seu artigo dando a Prudente de Moraes o nome de "Santo Varão".

Uma noite, passeando com Olavo Bilac ali pelas imediações do Catete, Patrocínio apontou uma árvore, no jardim do palácio:

— Seu Bilac, embaixo daquela árvore, quantas e quantas vezes o "Santo Varão" me falou: "Seu Zé do Pato, seu Zé do Pato, nós precisamos salvar o Brasil!"...

Bilac estacou, assombrado:

— Mas como? O Prudente, aquele paulista carrancudo, tinha dessas intimidades com você?

E o Patrocínio, convicto:

— Tinha, e muitas vezes eu tive de chamá-lo à ordem, porque, você sabe, eu não gosto de intimidade comigo!

### Doenças das Senhoras e Senhoritas

DR. VICTOR HUGO

Consultórios: Ed. Darke de Mattos

RUA 13 DE MAIO, 23 - 17.º andar - Sala 1719 - Fone 42-9056

RUA SÃO JOSÉ, 27 - sobr. - Tels. 42-5275 e 22-6461

## UM RETRATO DE MULHER



Laure Albin Gurillot, artista francesa, especialista em ilustração de livros de arte. (Foto S. F. S.)



## Medicina e Saúde

### SÍFILES ADQUIRIDA

Drª ELINE MOCHEL MATOS

Em 90% dos casos a sífilis é adquirida pelo contágio sexual. Basta uma minúscula feridinha ou um arranhãozinho para que o germen penetre por ele e se propague pelo organismo, trazendo o seu cortejo de sofrimentos. A sífilis é uma infecção crônica, que se prolonga por anos e anos desde que não seja logo atacada com energia. No ponto de penetração do germen, após umas 3 semanas aparece uma feridinha endurecida que não dói. O perigo está em que essa feridinha passa, muitas vezes, despercebida. Nosso povo já não liga mais a pequenas feridas tantas são as grandes feridas sociais que o maltrata.

Mais ou menos 2 meses depois do aparecimento daquela pequena ulceração aparece no corpo da vítima, mancha vermelha, sobretudo nos braços, pernas e testa. Em certas regiões (virilhas, reto) essas manchas crescem e se desenvolvem formando os "condilomas" mais ou menos parecidos com as verrugas: Acompanha este estado, uma contínua e irritante dor de cabeça que se acentua mais à noite, como também dor nos ossos.

Esta fase da sífilis chamada secundária dura de 2 a 3 anos e neste estado o doente ou a doente pode contaminar milhares de outras pessoas. O doente procura o médico muitas vezes não pelas manifestações da pele que às vezes são mínimas e sim pela pertinaz dor de cabeça que o torna irritado e nervoso. Quando isto não acontece o doente pensa estar curado daquelas "coeciras" porque andou tomando uns remédios, então o germen abandona a pele e se localiza nos órgãos profundos lá ficando durante a vida da criatura e causando-lhe os mais variados e desagradáveis incômodos. Ora são as gomas ou ulcerações que podem surgir em qualquer órgão (um abcesso no fígado). Ora são certos sintomas para o lado do coração, rins e cérebro. Há pessoas que, se queixam de "zumbidos", falta de ar, dor no coração, pressão alta. Há os que morrem subitamente de um ataque cardíaco. Há os que se queixam de surdez, "vista curta", anemia, úlceras do estômago ou duodeno. Em todos esses casos, geralmente o doente tem algumas cruzes no sangue.

A sífilis persegue o indivíduo até levá-lo à morte ou à invalidez.

Depois dos 40 anos os portadores de sífilis adquirida e não tratada, estão sujeitos a 2 perigosas doenças: a tabes e a paralisia geral. Na primeira surgem dores fortes no estômago acompanhado de vômitos, dores nas pernas, falta de equilíbrio e dificuldade no andar. Estes sintomas vão se agravando sempre e em pouco tempo o doente é um inutilizado para a vida normal. Na segunda aparecem certos sintomas que o povo costuma achar esquisitos. É o caso daquele senhor que era tão direito e que de repente começa a fazer tolices: só fala em grandeza, em riquezas, altos negócios, às vezes torna-se devasso, dá para jogar ou torna-se boêmio, discute atoa, briga; ao mesmo tempo começa a trocar as palavras, se atrapalha em outras e a escrita vai se tornando difícil. Um dia tem uma manifestação de loucura completa. Os hospícios estão cheios destes infelizes, vítimas da sífilis.

Temos razão para insistirmos neste assunto. Todos nós somos testemunhas dos males e sofrimentos causados pela sífilis, principalmente na nossa Pátria onde parece ser a doença mais difundida e que maior número de inválidos fornece para a sociedade.

A nós constrange saber que a filhinha de nossa amiga é débil, é abetalhada; que o irmão da vizinha é epilético, que o pai de fulana é louco, que o tio de cicrana vive preso ao leito por um sofrimento cardíaco. Isso nos dói na própria carne porque é o nosso povo que sofre, jogado de lado, sem que ninguém se compadeça da sua desgraça. Desejamos que todas as mulheres lutem contra os perigos da sífilis: mães, esposas e noivas. A todas chamamos a atenção para a necessidade de unificar seus esforços no sentido de fazer ver a grande responsabilidade das autoridades sanitárias, do Ministério de Educação e Saúde, do governo, enfim, para um problema que, como muitos outros, roubam ao convívio social, mais cedo do que se espera, preciosas vidas de homens e mulheres.

Drª qui, desta coluna, alertaremos, sempre a todas as mulheres para que se protejam contra a sífilis; assim estarão protegendo seus descendentes.

Nossa gente já está compreendendo a necessidade do tratamento pré-nupcial e do pré-natal. Falta é tornar necessários ao povo, os meios para esses tratamentos. E só o teremos de fato, quando o número de postos de saúde, maternidades e hospitais se multiplicarem, ao lado de uma bem orientada campanha de educação popular.

# COMO VIVEM AS TECELÃS

O valor do trabalho da mulher intelizmente ainda não é reconhecido em todos os setores de atividade. A fábrica é um deles.

A operária tecelã, por exemplo, que dá toda a sua energia, toda a sua capacidade de trabalho à produção do país, é ainda um ser que muito pouco recebe em retribuição ao seu esforço.

Desde jovens, mulheres pobres de difíceis condições de vida, sem possibilidades de estudar, muitas vezes sacrificando suas verdadeiras aspirações, dedicam-se ao ganha-pão honesto nas fábricas.

Acostumam-se a madrugar à beira do fogão, dos tanques de lavar, executando os primeiros afazeres domésticos, a fim de muito cedo se dirigirem à labuta dos teares.

A fábrica será a continuação de suas casas — pensam. Lá encontrarão um ambiente de conforto e bem estar. Além disso, o trabalho alegre e incantativo a viver.

Amam suas máquinas e zelam por sua conservação porque elas constituem uma garantia em sua vida.

Entretanto, muito cedo chega a decepção. A realidade dos fatos acompanha passo a passo todas as ilusões daquelas criaturinhas, que viam no trabalho um prazer quotidiano. Agora, não é senão uma necessidade amarga que são forçadas a enfrentar.

Começam a sentir o descaso dos patrões pelos seus problemas, às vezes pessoais, às vezes coletivos.

Sua abnegação, seu devotamento, sua luta diária não são reconhecidos por aqueles que enriquecem à sua custa e que as exploram impiedosamente.

Negam-lhes os direitos mais elementares, até mesmo melhoria de condições de trabalho, para mais produzirem.

Assim, a operária brasileira, apesar de ser um esteio de uma das fontes da riqueza nacional, arrasta o peso do sacrifício e do desamparo, vendo nas próprias leis trabalhistas uma simples figura de ficção e de ironia ao seu verdadeiro estado de operárias esquecidas, exploradas.

Fomos a várias fábricas conversar com muitas operárias, à hora do almoço.

E' a hora em que as portas se abrem para a saída por alguns minutos.

O apito da fábrica foi seguido de um vozeiro de mulheres, jovens, adultas e velhas, que se distribuíam portão afora espalhando-se pelas calçadas, umas saindo ligeiras para o bonde da esquina, outras se aglomerando aqui e ali, debaixo das árvores ou na própria ponte da calçada.

Aproximamo-nos cordialmente, procurando participar daqueles comentários, os mais variados possíveis em cada grupo.

Comilam em suas marmitas, ou em pratos de louças, tirados de dentro do embrulho de papel grosso, amarrado, pois é o papel que serve para todos os dias.

As nossas perguntas, que eram feitas no curso da conversa, respondiam com simplicidade e firmeza.

Observamos fatos curiosos entre as operárias. Vimos muitas vidas amarguradas, cheias de dramas particulares, aflições, dificuldades. Mães e filhas juntas manejando teares na mesma luta pelo ganha-pão. Irmãs, jovens ainda, trabalhando para manterem a família pobre e de pais inutilizados. Senhoras gestantes, velhas doentes, arrastando o peso de asma ou o cansaço da idade, o coração alterado, a vista curta.

Mas, uma coisa interessante que notamos foi a união entre todas. Há um amor fraternal entre as operárias.

Ouvimos queixas, sentimos sofrimentos. Mas, também vimos sorrisos. Tinham essa alegria que brota das mulheres conscientes de sua utilidade, de sua tenacidade de luta invencível na conquista de melhores dias; alegria que simboliza a esperança de uma vida mais confortável e mais justa, na certeza de que mais cedo ou mais tarde seu trabalho será valorizado e suas reivindicações atendidas.

A uma de nossas perguntas responderam: — "Procuramos nos organizar dentro da fábrica, sim. Fazemos pequenas comissões, discutimos as injustiças praticadas com as colegas e reclamamos. Não

## Amor ao trabalho -- As decepções -- A luta pelas reivindicações -- Mães e filhas no ganha-pão honesto dos teares -- A exploração do trabalho de menor

é possível calar mais. Afinal, o que a gente é?

As tecelãs têm muito a reclamar. Seus problemas são múltiplos. Explicaram-nos sobre o que mais têm debatido: aumento de salários, pagamento do repouso semanal, vestiário, creche com leite e assistência, gabinete separado dos homens, sala de refeitório, etc.



Após uma longa conversa, durante todo o tempo de descanso para o almoço as operárias nos esclareceram a verdadeira vida que passam em suas fábricas.

E' relembando a descrição que assistimos, que podemos afirmar quão abandonada ainda vive a mulher trabalhadora, a operária, propriamente dita.

Qualquer que seja a fábrica, a situação é a mesma. Estivemos em várias: na Carioca que fica em Ponte das Tabuás, na Cotoniônica Gávea, na Cruzeiro à rua Souza Franco, no Moinho Inglês.

Não há muito diferença. Em todas os problemas avultam.

Vimos a deficiência das creches. Como a lei obriga a empresa manter creche onde trabalhem mais de trinta operárias, há nas fábricas uma sala que recebe o nome de creche. Mas é só para efeito de fiscalização. Não há leitos, não há assistência nem nada. E às vezes, quando existem leitos, estes são negociados. As crianças das operárias têm de ficar sozinhas em casa ou entregues aos vizinhos. A pobre mãe só vê seu filho e o alimenta à noite, de regresso do trabalho.

A creche é uma necessidade para as operárias, é uma das mais sentidas reivindicações.

Outra coisa importante são os gabinetes separados, com pia e chuveiros para se lavarem.

Acontece que no fim do trabalho elas se limpam nas torneiras comuns, com trapos de estopa molhada. Para maior limpeza, levam a estopa molhada para traz dos teares. Ali mesmo trocam de roupa, às pressas, umas fazendo paredes às outras pois também não há vestiário para elas.

Uma mulher idosa, que ia se levantando, aproximou-se mais e lembrou o seguinte: "se chegamos atrasadas por uns minutinhos, somos desconsideradas em parte do dia. Não é um absurdo? As vezes o bonde demora muito e vem tão cheio que não dá mais pra se meter a cabeça. A culpa não é nossa."

Lembramos que as empresas poderiam oferecer ônibus especiais para seus operários.

— Isso sim. Mas duvido que façam.

Outras ficaram animadas com a perspectiva do ônibus e começaram a fazer a matemática das horas para outros alazeres.

Situação séria que evidenciamos foi o caso dos menores.

Imaginem que a exploração sobe a tal grau que há empresas que despedem adultos para admitir menores! Sabem por que? Porque o salário é inferior.

As mocinhas não têm culpa — dizem. Elas precisam trabalhar. Mas são duplamente exploradas. Fazem serviço de adulto, esforçam-se, cobrem as tarefas e ganham uma mígalha. Faz pena ver verdadeiras meninas, que deveriam estar ainda na escola pública, debaixo da ganância dos homens ricos das fábricas.

Para isso a fiscalização é cega.

O segundo apito já se fez ouvir. Elas se movimentam, embrulham de novo seus pratos e colheres ou marmitas de lata no papel grosso e amarrado. Jogam no chão a casca da banana, limpam as mãos no avental e se despedem de nós.

Das esquinas e dos bondes vêm os trabalhadores para a segunda etapa de trabalho do dia.

Quando o portão se fechar, lá dentro só se trabalha, só se produz para a economia nacional.

Deixando as portas das fábricas, lembrávamos que piores dias ameaçam a vida dos operários teares. A crise aí está. Vão parar de trabalhar e nada ganharão. Os estoques são grandes e não há saída. Não há venda nem dinheiro. A indústria vive em subprodução. Não há mercado interno.

O país vai sendo arrastado para a catástrofe econômica. Isso também preocupa aos industriais, razão porque urge maior união e compreensão entre patrões e operários, pois a situação se agrava para todos.

Nessa união devem ser cuidadas as operárias, que vêm arrastando inúmeras reivindicações até hoje postas à margem.

Já é tempo de reconhecer os seus direitos.

## Formação de professoras primárias

Por LYGIA MARIA LESSA BASTOS



escolares e, por isso mesmo, torna-se necessário providenciar, com antecedência, sobre a formação de professoras para que essas futuras escolas possam funcionar.

Já apontei duas das causas da crise de docentes. a) — Eram mal remuneradas até o último reajustamento.

b) — O Instituto de Educação estava mais preocupado com o curso ginásial que vinha crescendo à medida que o curso normal minguava.

Chegou, agora, a oportunidade de revelar a principal razão pela qual o magistério primário estava se tornando uma "classe" quase fechada: isto é, o motivo pelo qual escasseava, cada vez mais, a concorrência ao Curso Normal, não obstante ser cada vez maior o número de candidatos ao curso ginásial do Instituto de Educação.

Antes, porém, de entrar no assunto, seja-me lido esclarecer que há muita diferença entre o que seja "plano de ensino", isto é, bases e diretrizes da educação e sistema de ensino.

São coisas inconfundíveis. Ninguém ignora que a Lei Orgânica do Ensino Normal em vigor obriga às Escolas Normais e aos Institutos de educação a manterem cursos ginásiais mas não impedem que esses cursos funcionem em outros ou outros edifícios.

Infelizmente tem sido este um dos assuntos mais descuidados no Distrito Federal no decurso destes últimos dez anos. O resultado disso é estar o quadro dos professores primários com 500 vagas abertas justamente quando a população escolar está carecendo de mais alguns milhares de regentes de turmas. Há projeto para construção de mais 300 prédios

rência dele para outro ou outros edifícios, e pleiteamos o livre acesso à Escola Normal de todas as candidatas que, havendo concluído o curso ginásial, seja onde for, sintam vocação para o magistério.

Dessa atitude, porém, não se conclue de que julgamos que o Distrito Federal ainda esteja obrigado a obedecer à Lei Orgânica de Ensino Normal. Não. Essa lei já caducou desde a promulgação da Constituição de 1946, na qual, à União foi reservado o direito de traçar as bases e as diretrizes, isto é, os "planos de ensino", e ao Distrito Federal a competência para organizar o "seu sistema de ensino".

A lei Orgânica de 2 de janeiro de 1946 foi inspirada na Constituição fascista de 1937, na qual a educação era assunto da alçada exclusiva da União. Agora estamos em pleno regime democrático.

A Comissão que, sob a inspiração do Sr. Ministro da Educação, está elaborando as novas diretrizes e bases da educação nacional há de reformar completamente a lei orgânica baseada na constituição outorgada para implantação do regime ditatorial, restringindo-se apenas a legislar sobre matéria de sua competência, isto é, quanto à organização dos cursos, regulação dos níveis de ensino, seriação dos cursos, e quanto aos "sistemas de ensino", a serem adotados nos Estados e no Distrito Federal porque isso não é mais da competência Federal.

O que a União pode exigir é que a Escola Normal continue ligada ao curso ginásial, mas não que os Institutos mantenham esse curso, o que é coisa diferente. Obrigue, isso sim, os Institutos a manterem cursos de especialização de administradores escolares do grau primário porque, agindo assim, estará cumprindo o seu dever de traçar as diretrizes e bases da educação nacional.

de vez que os cursos ginásiais abundam no Distrito Federal. Voltemos, porém, ao assunto principal. Que funcionem, subordinados ao Instituto de Educação, não um, mas vários cursos ginásiais, digamos mesmo todos os cursos ginásiais mantidos pela Prefeitura do Distrito Federal. Mas não se impeça a matrícula na Escola Normal de candidatas provenientes de outras fontes.

O espírito da lei resulta claro de seu próprio texto quando liga o curso primário ao de simples regentes de ensino e o curso ginásial com o curso normal. A exclusividade mantida até agora é anti-democrática e produziu a falta de professores.

Não é absolutamente lógico que se procure selecionar professoras entre meninas de 12 anos de idade. Tal seleção só poderá ser feita entre moças que hajam completado o curso ginásial e tenham, pela idade, uma exata compreensão da vida. A escolha duma carreira aos 11 e 12 anos, idade de matrícula no curso ginásial do Instituto de Educação, não só não deve ser definitiva como pode até acarretar a consequência funesta de desorientar vocações que seriam melhoraemente aproveitadas noutras formas de atividade.

Não discutimos, portanto, se se deve ou não manter um curso ginásial subordinado ao Instituto de Educação. O que sustentamos é a necessidade da transfe-



beça e do tronco, a pele, a estatura e o peso; observaremos o despertar das funções da respiração, digestão e eliminação como também as variações de temperatura a que está sujeito obedecendo a causas de natureza fisiológica.

— Há qualquer coisa de especial na cabeça da criança logo após o nascimento, dr. Roberto?

— A cabeça do recém-nascido apresenta volume considerável e seu diâmetro é maior do que o torácico, isto é: 35cm. para 34cm. Essas proporções se invertem com a continuação. Outra característica é a presença de fontanelas. A grande moleira acha-se na parte anterior da abóbada craneana e tem a forma de um losango membranoso onde podem ser contadas as pulsações.

— Por que existem as fontanelas?

— Veremos suas razões de ser... Os ossos craneanos não se acham soldados ainda na ocasião do nascimento e durante o parto dá-se um calçamento desses ossos reduzindo-se desse modo o volume da cabeça o que facilita consideravelmente a passagem da criança pelo canal pélvico.

— Compreendi, mas a moleira desaparece, não é dr.?

— Sim. A ossificação ope-

## PUERICULTURA

ra-se aos poucos e aos 14 ou 16 meses a moleira deve estar fechada por completo.

— E a pele, que tem de particular?

— Após a retirada do vernix caseosa, camada gordurosa que reveste o corpo da criança ao nascer, a pele tem coloração avermelhada que logo dá lugar a um tom amarelo, constituindo a icterícia fisiológica do recém-nascido que ligeiro desaparece.

— Icterícia! Isso deve ser perigoso, dr.!

— De modo algum, d. Luisa. É um fenômeno passageiro no recém-nascido e nada tem com a patologia...

— Meu coração ficou descansado agora. O senhor falou em estatura, peso e funções...

— Um pouco de calma, minha amiga. Olharemos cada um desses pontos. A criança normal, nascida a termo, tem em média 50cm. e o peso oscilando entre 3.000 e 3.500 grs. Tanto a estatura como o peso são inferiores nas meninas.

— E a criança vai aumentando logo, não é?

— Nos cinco primeiros dias há ligeira perda de peso. Quanto mais desenvolvido estatural e ponderalmen-

te maior a perda de peso. Também isto constitui fenômeno fisiológico explicável do seguinte modo: a criança elimina o mecônio ou ferrado, fezes ainda da vida intra-uterina, esvazia a bexiga, faz jejum de 12 ou 24 horas e elimina suor. Essa perda de peso pode ser seguida de outro fenômeno transitório — a febre, elevação de temperatura causada pela carência de água.

— Febre, dr.?

— Coisa sem consequência, d. Luisa. Basta dar água fria à criança para resolver o problema.

— Chegou a vez das funções...

— Isso mesmo. A atenção com que retém minhas palavras me honraria bastante, d. Luisa.

— Está dizendo indiretamente que estou me portando como legítima colega!

— Não, não... Mas, continuemos. A criança durante sua permanência no seio materno tem vida parasitária, os pulmões não funcionam como também o aparelho digestivo e os rins; a circulação não se faz como depois do nascimento. Existem no organismo materno a placenta e o cordão umbilical e através deles o feto

recebe oxigênio, substâncias pouco o organismo do recém-nascido se vai adaptando ao novo meio, adquirindo equilíbrio.

— E que acontece depois do nascimento?

— Logo após a chegada da criança no mundo exterior o cordão umbilical é ligado e seccionado. Termina a vida parasitária e tem início uma vida própria, independente. Muitos órgãos começam a trabalhar e instalam-se as funções respiratória, digestiva e de eliminação. A circulação passa por modificações radicais e aos

— Suas explicações de hoje foram muito interessantes. Venci meu filhinho com olhos sutis, compreendendo muitas coisas que sem esta palestra me passariam despercebidas.

— Tem razão. É preciso estar atenta para surpreender as maravilhas da natureza humana em seu próprio filhinho.

MARGARIDA



## COZINHA INTERNACIONAL MEXICO

Um dia "ela" quis fazer uma surpresa. Era um domingo de começo de mês, quando a gente tem sempre um pouco mais de dinheiro. Acontecia que "ele" ia trazer visitas para o almoço. Ora, fazer bacalhoadas, feijoada, um bom ensopado? Coisas gostosas, sim, gostosas e nossas. Mas "ela" queria era fazer surpresa. Um cardápio diferente. E fez!

O marido, primeiro, olhou... assim... desconfiado... Mas experimentou, gostou e foi um sucesso! A visita ficou entusiasmada e eu, já de copiar as receitas para você! Pratos típicos mexicanos, para variar.

### GALINHA COM ABACATE

(O abacate, no México é legume, não fruta)

- 1 chicara de abacate em pedaços — que não esteja mole.
- 2 gemas de ovos cozidas com salsa picada.
- 1 galinha, limpa e clara, em pedaços.
- 1 chicara de camarões, limpos.
- 1 colher de café de alcapanas, cebola a vontade.
- sal a vontade.
- banha (si você encontrar...).

Ponha a galinha, em fogo forte, com banha, sal e a cebola. Deixe dourar bem. Abrande o fogo, junte água aos pouquinhos até ficar macia e cozida. Nessa altura ponha o fogo forte, um pouco de água para fazer o molho, as gemas com a salsa, as alcapanas e o camarões. Quando os camarões estiverem cozidos junte o abacate, deixe dar uma fervura... e pode servir.

### ARROZ MEXICANO

- Azeite — o necessário.
  - Alho — a vontade.
  - Cebola — a vontade.
  - Tomato — a vontade.
  - Salsa e cebolinha verde — a vontade.
  - Sal — a vontade.
  - 2 chicaras de mariscos,
  - 2 chicaras de ostras,
  - 2 chicaras de camarão,
  - 2 chicaras de mexilhão,
  - 2 chicaras de siri (só a carne, já limpo),
  - 3 chicaras de arroz,
  - 1 colher de chá de açafrão.
- Leve o azeite ao fogo, com todos os temperos. Deixe dourar para juntar depois os tomates. Junte o arroz, deixe fritar bem, junte o sal e os mariscos, ostras, camarões, mexilhão, siri — deixe fritar tudo — junte água suficiente para cozinhar — deixe ferver, abrande o fogo e deixe cozinhar como arroz comum. Quando estiver pronto junte o açafrão, misture bem. Esse prato é servido em panela de barro.

### SALADA VERDE COM SALSA

- Limpe e lave bem, escorar a água de:
- 1 pé de alface.
- 2 maços de agrião.
- 1 aipo — a parte branca e 2 ou 3 galhos verdes.
- 1 maço de salsa, picado bem fino, bem batidinha.

Misture tudo bem, junte azeite, limão, sal, gotas de vinagre, e uma pitada de pimenta do reino. Misture bem novamente e sirva.

### CREME DE COCO

- 1/4 de chicara de água de coco.
- 2 colheres de sopa de creme de leite (creme de chantilly).
- 3 chicaras de chá (medida farta) de coco ralado.
- 1 chicara de chá de açúcar granulada.
- 1 pitada de sal.
- 2 claras de ovos, bem batidas.
- 2 colheres de sopa, fartas, de maiseina ou farinha (desmanchadas a parte).

Misture a água de coco com o creme de leite, bem misturada. Junte o coco e o açúcar, misturando bem. Junte o sal e misture bem, sempre. Misture as claras. Mexa de leve. Misture bem a maiseina desmanchada. Leve ao forno moderado até cozinhar bem.

É só lhe desejo que essas receitas mexicanas façam sucesso também em sua casa.

(Do programa "Cozinhando pelo Rádio")

## Dr. Linandro Dias

Doenças internas — Tuberculose

Radiologia pulmonar

Consultório: Av. Rio Branco, 257 - 18º and. Saia 1801. Das 11 às 18 horas, às terças, quintas e sábados. Telefone: 42-4443

Residência: — Rua Amoroso Costa, 91 — Tijuca. Telefone: 38-6837

## Atendendo a sua CONSULTA

A nossa seção, no presente número, tratará das medidas de proteção do trabalho da mulher e proteção à maternidade.

As mulheres têm direito, no exercício de suas funções profissionais a proteção especial, sendo a adoção dessas medidas considerada de ordem pública, não justificando, em hipótese alguma, a redução de salário.

A nossa Consolidação das Leis do Trabalho estabelece, em seus arts. 389 e 390 o seguinte:

Todo empregador será obrigado a prover os estabelecimentos de medidas referentes à higienização dos métodos e locais de trabalho, tais como ventilação e iluminação e outros que se fizerem necessários à segurança e ao conforto das mulheres. Deverá instalar aparelhos sanitários e um vestiário, com armários indivi-

duais privativos das mulheres; dispor cadeiras ou bancos em número suficiente, que permitam às mulheres trabalhar sem grande esgotamento físico; fornecer gratuitamente, a juízo da autoridade competente, os recursos de proteção individual, tais como óculos, máscaras, luvas e roupas especiais, para a defesa dos olhos, do aparelho respiratório e da pele. Ao empregador é vedado empregar a mulher em serviço que demande o emprego de força muscular superior a 20 (vinte) quilos, para o trabalho contínuo ou 25 (vinte e cinco) quilos para o trabalho ocasional.

Quando não houver creches que atendam convenientemente à proteção da maternidade, os estabelecimentos em que trabalharem pelo menos 30 (trinta) mulheres, com mais de 16 anos de idade, terão local apropriado onde seja per-

mitido às empregadas guardar, sob vigilância e assistência, os seus filhos, no período de amamentação.

Não são permitidos em regulamento de qualquer natureza, contratos coletivos ou individuais de trabalho, restrições ao direito da mulher ao seu emprego, por motivo de casamento ou gravidez.

Além dos 3 meses de licença, com salários integrais, que são garantidos à mulher gestante, a lei prevê que esse período pode ser aumentado, mediante atestado médico e em casos excepcionais.

Pode a mulher grávida romper o compromisso resultante de qualquer contrato de trabalho? SIM, mediante atestado médico que indique ser o mesmo prejudicial à gestação.

Em caso de aborto natural, isto é, não punido por lei, comprovado por atestado médico oficial, a mulher terá di-

reito a um repouso com salários integrais, de 2 semanas, ficando-lhe assegurado o direito de retornar à função que anteriormente ocupava.

Para amamentar o próprio filho, até que este complete a idade de 6 meses, concede a lei o direito, durante o trabalho, a 2 descansos especiais, de 30 minutos cada um.

Os locais destinados à guarda dos filhos das operárias, durante o período de amamentação deverão possuir no mínimo um berçário, uma sala de amamentação, uma cozinha dietética e uma instalação sanitária.

Conforma vimos, a lei estabelece preceitos à altura das nações civilizadas, mas muitas medidas têm deixado de ser aplicadas por falta de fiscalização das próprias mulheres, que devem se convencer, o mais depressa possível, de que têm que exigir os seus direitos, seja de quem for.

## ATIVIDADES femininas

A mulher carioca tão cruelmente atingida pelo massacre da noite de 22 do corrente, organizou-se em comissão e foi à Conferência dos Chanceleres em Petrópolis, à Câmara e Senado Federais e à Câmara de Vereadores, fazendo entrega da seguinte mensagem:

"Mulheres do Distrito Federal, justamente indignadas e perplexas com as ocorrências levadas a efeito pela Polícia contra o povo na noite de 22 de agosto de 1947, comunicam que enviaram ao Chefe de Polícia um telegrama de protesto contra os brutais atentados à pessoa humana, à liberdade e à Constituição. Ao representante do Brasil na Conferência Inter-Americana, ao Senado, às Câmaras Federal e Municipal dirigiram a expressão de seu descontentamento solicitando tudo empenhem na defesa da democracia.

ciais injustificáveis e inteiramente gratuitas contra homens, mulheres e crianças ali reunidos na mais perfeita ordem, em comício devidamente autorizado pela própria Polícia.

Cientes de que a paz, a democracia e consequentemente a tranquilidade de seus lares serão ameaçadas enquanto forem possíveis acontecimentos dessa natureza, apelam para o Governo, Parlamentares, Imprensa, homens e mulheres no sentido de serem respeitados a nossa Constituição e os Direitos do Homem, assegurados pela ONU.

Conclamando as mulheres que ainda não se acham organizadas, a ingressarem nas associações femininas, reafirmam decidido propósito de lutar sem tréguas, acima de partidários políticos ou crenças religiosas, para que um clima de confiança, de ordem, tranquilidade e justiça seja assegurado.

Rio de Janeiro, 23 de agosto de 1947.

Comissão: Sagrator de Scuvero, Arcelina Mochel, Lígia Maria Lessa Bastos, Odila Shimidt, Alice de Toledo Ribas Tibiriçá, Nuta Bartlet James, Alice Flexa Ribeiro, Branca Fialho. (Sequem-se muitas outras assinaturas).

Landry não encontraria tão cedo uma passagem ou uma ponte para ir ao seu encontro.

Assim, concentrando-se, Landry procurou saber como naquela circunstância teria agido o pai, que tinha o juízo e a prudência de quatro pessoas, e compreendeu a tempo que o pai Barbeau procederia com doçura, fingindo não dar importância ao caso, para não mostrar a Sylvinet a angústia que tinha causado nem lhe dar motivos a muitos remorsos, nem estimulá-lo a recomeçar em outro dia de despeito.

Começou, portanto, a assobiar, como se estivesse chamando os melros e convidando-os a cantar, assim como fazem os pastores quando atravessam as toiceiras ao cair da noite. Isso fez com que Sylvinet levantasse a cabeça. Vendo o irmão, envergonhou-se e levantou depressa, julgando não ter sido visto. Então Landry fez como se acabasse de avistá-lo e lhe disse, sem gritar muito, porque o canto do rio não era tão forte que os pudesse impedir de conversar.

— "Hué, meu Sylvinet! Estavas aí, Eu te esperei toda a manhã, e, vendo que tinhas saído por tanto tempo, vim passear por estes lados, esperando a hora da ceia, quando sabia que te encontraria em casa. Mas, já que estás aí, vamos voltar juntos. Desçamos o rio, cada um na sua margem, e nos encontraremos na passagem das Roletas. (Era a passagem que se achava à direita da casa da mãe Fadet).

— Vamos, — disse Sylvinet carregando o cordeiro, que, por não o conhecer ainda, não seria capaz de o acompanhar sozinho. E desceram o rio, sem ousar olhar muito um para o outro, porque temiam de mostrar ao outro a pena que sentiam de estar zangados e o prazer que tinham de se encontrar. De vez em quando, para fingir que não tinha adivinhado o despeito do irmão, Landry dizia-lhe algumas palavras, continuando a caminhar. Perguntou-lhe, primeiro, onde tinha arranjado aquele cordeirinho pardo, e Sylvinet não pôde responder direito, por não querer contar que tinha ido tão longe que nem sabia o nome dos lugares por onde passara. Então, vendo-lhe o embaraço, Landry falou.

— Mais tarde me contarás tudo isso, porque o vento está forte e não é bom ficarmos em baixo das árvores à beira do rio; mas, por felicidade, a água do céu está começando a cair, e o vento não tardará a cair também.

E, consigo mesmo, ia dizendo. — "Mas é verdade mesmo que o grilo me profetizou que eu o encontraria antes de começar a chuva. Não há dúvida, aquela menina sabe mais do que a gente."

Ele não reflectia que tinha ficado bem uns quinze minutos em explicações com a mãe Fadet, enquanto a implorava e ela se recusava a lhe

dar ouvidos, e que a Pequena Fadette, a quem só tinha visto quando saíra da casa, podia muito bem ter avistado Sylvinet durante aquele tempo. Afinal, essa idéia lhe ocorreu; mas como é que ela sabia tão bem o motivo de sua aflicção, quando fôra ter com elle, se não estava presente enquanto elle se explicava com a velha? Dessa vez, não se lembrou de que já tinha perguntado pelo irmão a várias pessoas quando se dirigira para a Junqueira, e que alguém poderia ter contado esse facto à pequena Fadette; ou então que a pequena podia ter ouvido o fim de sua conversa com a avó, escondendo-se como fazia sempre que queria contentar sua curiosidade.

Por seu lado, o pobre Sylvinet ia também pensando consigo mesmo sobre a maneira como explicaria seu máu comportamento para com o irmão e a mãe, porque não desconfiava do fingimento de Landry e não sabia que história lhe contaria, elle que nunca mentira em sua vida e nunca escondera nada ao irmão menor.

Por isso, estava muito pouco a vontade quando atravessou a passagem, porque tinha chegado até ali sem encontrar uma desculpa para sair do embaraço.

Assim que chegou à margem, Landry beijou-o; e, embora a contra gosto, fez isso com mais calor ainda do que costumava, mas conteve-se para não interrogar o irmão, pois bem via que elle não saberia o que dizer. Levou-o para casa, falando em coisas muito diferentes do que as que ambos tinham no coração. Passando diante da casa da mãe Fadel, olhou bem para vêr se não descobriria a Pequena Fadette, e sentia um grande desejo de ir agradecer-lhe. Mas a porta estava fechada, e não se ouvia senão o barulho da voz do sallão, que berrava porque a avó o espancara, coisa que lhe acontecia tôdas as noites, quer merecesse, quer não.

Sylvinet sentiu pena ao ouvir os gritos do pirralho, e disse ao irmão.

— Eis uma casa bem ruim, onde sempre se ouve o barulho de gritos e de pancada. Bem sei que não pode haver nada pior e mais levado do que esse sallão; e, quanto ao grilo, acho que não vale dois vintens. Mas essas duas crianças são infelizes de não ter mais pai nem mãe, e de estar na dependência daquela velha feiçoira, que vive fazendo maldades e nada lhes perdoa.

— Não é assim em nossa casa — respondeu Landry. — Nunca recebemos de nossos pais a menor pancada, e mesmo quando elles nos repreendiam por nossas travessuras de criança, era com tanta doçura e delicadeza que os vizinhos nem ouviam. Há pessoas assim, que são muito felizes e nem se lembram do que são; e, no entanto, a pequena Fa-

dette, que é a criança mais infeliz e maltratada da terra, está sempre rindo e nunca se queixa de nada.

Sylvinet compreendeu a censura e teve remorsos da falta que cometera. Já senira muitos, desde aquela manhã, e mais de vinte vezes tivera vontade de voltar; mas a vergonha o impedira. Naquele momento, seu coração apertou-se, e chorou sem dizer nada; o irmão, porém, tomou-o pela mão, dizendo-lhe :

— A chuva está muito forte, meu Sylvinet. Vamos correndo para casa.

Começaram, pois, a correr, e Landry procurava fazer o irmão rir, enquanto este se esforçava para contentá-lo.

Entretanto, no momento de entrar em casa, Sylvinet teve vontade de se esconder na granja, porque temia que o pai o repreendesse. Mas o pai Barbeau, que não levava a coisa tão a sério quanto a mulher, contentou-se em pilheriar com elle; e a mãe Barbeau, a quem o marido ajuizadamente fizera recomendações, tentou esconder-lhe a aflicção que sentira. Apesar disso, quando ella estava occupada em secar seus dois gêmeos diante de um bom fogo e em lhes servir uma boa ceia, Sylvinet pôde vêr que ella tinha chorado e que, de vez em quando, olhava para elle com um ar de inquietação e de desgosto. Se estivesse sozinho com ella, ter-lhe-ia pedido perdão e feito tantas carícias, que ella se teria consolado. Mas o pai não gostava muito dessas melgueiras, e Sylvinet foi obrigado a ir para a cama logo depois da ceia, sem dizer nada, porque o cansaço o dominava. Não tinha comido nada o dia inteiro; e, mal acabara de engulir a ceia, da qual necessitava muito, sentiu-se como que embriagado e foi forçado a se deixar despir e pôr na cama pelo irmão gêmeo, que ficou a seu lado, sentado à beira do leito e segurando-lhe a mão.

Quando o viu bem adormecido, Landry despediu-se dos pais, e nem reparou em que a mãe o beijava com mais amor do que das outras vezes. Continuava pensando que ella não poderia gostar tanto dele do que do irmão, e não sentiu inveja, julgando que era o menos amável dos dois e que tinha a parte que lhe cabia. Submetia-se a essa situação tanto pelo respeito que devia à mãe, como por amizade pelo irmão, que, mais do que elle, precisava de carinho e de consolação.

No dia seguinte, Sylvinet correu ao leito da mãe, antes que ella se levantasse, e, abrindo-lhe o coração, confessou-lhe seus remorsos e sua vergonha. Contou-lhe como vinha se sentindo infeliz nos últimos tempos, não tanto por causa da separação com Landry, mas porque Landry já não lhe queria tanto. E quando a mãe o interrogou sobre essa injustiça, ficou muito embaraçado e não soube que motivos apresentar.

porque o que havia nele era uma espécie de doença da qual não conseguia libertar-se. A mãe compreendia-o melhor do que o demonstrava, porque o coração de uma mulher é muito sensível a essas angústias, e ela mesma se doera muitas vezes, ao ver Landry tão tranquilo em sua coragem e em sua virtude. Mas, dessa vez, ela reconhecia que o ciúme é prejudicial a todos os amores, mesmo naqueles que Deus mais nos recomenda, e tomou cuidado para não avivar esse sentimento em Sylvinet. Ressaltou a mágua que causara ao irmão, e a grande bondade de que Landry dera provas, não se queixando nem se mostrando ofendido. Sylvinet também reconheceu esse fato, e, convencendo-se de que o irmão era melhor do que ele, fez a promessa e firmou a resolução de curar, e sua vontade era sincera.

Mas, sem querer, e embora tivesse tomado um ar consolado e satisfeito, apesar de todas as suas lágrimas terem sido enxugadas pela mãe, que respondera a suas queixas com razões muito sólidas, apesar de fazer tudo quanto lhe era possível para agir com simplicidade e justiça em relação a Landry, ficou-lhe no coração um fermento de amargura. — "Meu irmão — pensava ele, contra a vontade — é o mais cristão e o mais justo de nós dois, minha querida mãe disse isso, e é a verdade, mas, se ele gostasse de mim tanto quanto eu gosto dele, ele não poderia resignar-se como se resignou." — E pensava no ar tranquilo e quase indiferente que tivera Landry ao encontrá-lo à margem do rio. Lembrava-se de o ter ouvido assoviar para os melros enquanto o procurava, e no momento exato em que ele estava pensando realmente em se atirar no rio. Porque, se não tivera essa idéia ao deixar a casa, ela lhe viera mais de uma vez, à tarde, acreditando que o irmão nunca lhe perdoaria de lhe ter guardado rancor e procurado evitar pela primeira vez na vida.

— "Se fosse ele que me tivesse feito essa afronta — pensava Sylvinet — eu nunca me teria consolado. Estou muito contente por ele me ter perdoado, mas nunca pensei que ele me perdoaria com tanta facilidade." — E, com isso, o desgraçado menino suspirava procurando reagir, e reagir enquanto ia suspirando.

Entretanto, como Deus nos recompensa e nos auxilia sempre, por pouco que tenhamos a boa intenção de agradar-lhe, aconteceu que Sylvinet se mostrou sensato durante o resto do ano; absteve-se de implicar com o irmão e de se zangar com ele, e, em suma, passou a lhe querer bem de modo mais tranquilo. Sua saúde, que tinha sofrido com todas essas angústias, restabeceu-se e fortificou-se. O pai fez com que trabalhasse mais, percebendo que quanto menos tempo ele tinha para pensar em si mesmo, melhor ia passando. Mas o trabalho feito em casa dos pais nunca

é tão rude quanto aquele que se realiza sob as ordens de um patrão. Assim, Landry, que não se poupava, ganhou mais forças e mais tamanho do que o irmão gêmeo naquele ano. As pequenas diferenças que antes já existiam entre ambos ficaram mais marcadas, e, da alma, passaram para o físico. Após terem feito quinze anos, Landry se tornou um bellissimo rapaz, e Sylvinet ficou um bonito mocinho, mais esbelto e menos corado do que o irmão. Já agora ninguém mais os confundia, e embora continuassem parecidos como dois irmãos, já não se via, do primeiro olhar, que eram gêmeos. Landry, considerado o caçula por ter nascido uma hora depois do Sylvinet, parecia, a todos quantos os viam pela primeira vez, ser um os dois anos mais velho do que o irmão. E isso aumentava a amizade que lhe tinha o pai Barbeau, que, no verdadeiro modo de ver da gente do campo, estimava a força e o tamanho mais do que tudo.

## CAPÍTULO XI

Nos primeiros tempos que se seguiram à aventura de Landry com a pequena Fadette, o rapaz ficou bastante preocupado com a promessa que lhe fizera. No momento em que ela o salvara da inquietação, Landry se teria empenhado junto ao pai e à mãe para lhe dar tudo quanto havia de melhor na Bessonière; mas quando viu que o pai Barbeau não levava a sério a fuga de Sylvinet e não mostrara qualquer inquietação, temeu que, quando a pequena Fadette viesse reclamar sua recompensa, elle a pusesse pela porta afóra, fazendo pouco de sua ciência e da palavra que Landry tinha dado.

Esse medo fazia com que Landry se sentisse cheio de vergonha, e, à medida que seu desgosto se dissipava, acabou por se julgar muito tolo de ter acreditado que havia qualquer feitiçaria no que acontecera. Não estava bem convencido de que a pequena Fadette se divertira à sua custa, mas via que isso era coisa sobre a qual era possível ter desconfianças. Não via que razões apresentar ao pai para lhe provar que tinha agido bem quando tomara um compromisso de tantas consequências; por outro lado, também não sabia como havia de romper tal compromisso, pois tinha jurado cumprí-lo, e o fizera com toda a alma e consciência.

Mas, para grande espanto seu, nem no dia seguinte ao acontecimento, nem naquele mês, nem no resto da estação, ouviu falar da pequena Fadette, nem na Bessonière nem na Priche. Nem ela se apresentou ao pai para falar com Landry, nem ao pai Barbeau para reclamar fosse o que fosse, e quando Landry a avistou de longe, no campo, ela não se

dirigiu para seu lado e não pareceu sequer ter reparado nele, o que era contra seu hábito, porque costumava sempre correr atrás de toda gente, brincando e pilheriando com os que estavam de bom humor, ou implicando e aborrecendo aqueles que não o estavam.

Mas a casa da mãe Fadet era igualmente vizinha da Priche e da Cosse, e era impossível que, um dia ou outro, Landry não desse de cara com a pequena Fadette no meio de um atalho; e quando o atalho não é largo, duas pessoas que passam uma pela outra são forçadas de se tocar e dizer uma palavrinha ao passar.

Uma tarde, quando a pequena Fadette recolhia os gansos, tendo sempre o saltão ao lado, e quando Landry, que tinha ido buscar as águas no pasto, voltava com eles tranquilamente para a Priche, os dois se cruzaram no caminho que desce da Cruz à passagem das Roletas, e que é tão fundo, tão metido entre dois barrancos, que não há meio de um passante evitar o outro. Landry ficou vermelho, temendo ouvir a pequena Fadette pedir-lhe contas de sua promessa, e, não querendo favorecê-la, saltou nas costas de uma das éguas, do mais longe que a avistou, e meteu-lhe os tamancos na barriga para obrigá-la a andar a trote; mas, como todas as éguas tinham entraves nos pés, a que ele montou não pôde andar mais depressa. Vendose pertinho da pequena Fadette, Landry não teve a coragem de fitá-la e fingiu virar-se para trás, como para ver se os potros os seguiam. Quando tornou a olhar para frente, Fadette já tinha passado, e não lhe dissera nada; ele não sabia nem mesmo se ela o tinha elhado, e se, com os olhos ou o sorriso, tinha procurado dar-lhe boa tarde. Só viu Jeanet o saltão, que, sempre travesso e malvado, apanhou uma pedra para atirá-la nas pernas de sua égua. Landry sentiu o desejo de lhe mandar uma chicotada, mas teve medo de parar e de ter de dar explicações à irmã. Fingou não ter visto a pedrada, e foi embora sem olhar para trás.

Todas as outras vezes que encontrou a pequena Fadette, as coisas se passaram mais ou menos do mesmo modo. Pouco a pouco, tomou coragem e olhou; porque, à medida que a idade e a razão vinham chegando, já não se inquietava tanto por uma coisa tão sem importância. Mas quando se encheu de audácia e conseguiu olhar para ela tranquilamente, como para esperar qualquer coisa que ela quisesse dizer, ficou espantado de verificar que a menina virava propositalmente a cabeça para outro lado, como se ela tivesse dele o mesmo medo que lhe inspirava. Isso lhe devolveu a coragem por completo, e, como tinha o coração justo, começou a suspeitar de que agira mal, nunca lhe tendo agradecido pela alegria que por ciência ou por acaso, ela lhe tinha causado. Tomou a resolução de

se dirigir diretamente a ela, a primeira vez que a avistasse, e, quando chegou esse momento, deu dez passos em sua direção para lhe dar bom dia e conversar com ela.

Mas, quando elle se aproximou, a pequena Fadette tomou um ar alivo e quase zangado; e, decidindo-se finalmente a fitá-lo, tinha uma expressão tão cheia de desprezo que elle se sentiu desarmado e não ousou dirigir-lhe a palavra.

Foi a última vez do ano que Landry a encontrou de perto, porque, a partir dêsse dia, a pequena Fadette, levada por não sei que capricho, passou a evitá-lo com tanto cuidado que, do mais longe que o avistava, virava para outro lado, entrava nalguma propriedade ou fazia uma volta enorme para não defrontá-lo. Landry pensou que ela estivesse zangada por se ter mostrado ingrato com ela, mas sua repugnância era tão grande, que não soube fazer nada para reparar sua falta. A pequena Fadette não era uma criança como as outras. Não tinha um natural alivo, e mesmo faltava-lhe certa altivez, pois gostava de provocar as injurias e as caçoadas, de tal forma tinha a lingua bem afiada para responder e ter sempre a última e mais ferina palavra. Nunca lhe tinham visto dar mostras de rancor, e censuravam-lhe a falta de amor-próprio que convém a uma menina que vai fazer quinze anos e começa a ter o desejo de ser alguma coisa. Continuava com os modos de um garoto, e fazia alarde em implicar constantemente com Sylvinet, aborrecendo-o e fazendo-o perder a paciência, quando o surpreendia nos devaneios em que ainda se perdia às vezes. Sempre que o encontrava, seguia-o durante um bom pedaço de caminho, caçoando de sua qualidade de gêmeo, e atormentando-lhe o coração ao dizer que Landry não gostava dele e fazia pouco de seu desgosto. Assim, o pobre Sylvinet, que, mais ainda do que Landry, a julgava feiticeira, se espantava por ela adivinhar seus pensamentos e a detestava de todo coração. Sentia desprezo por ela e por sua família, e, da mesma forma como ela evitava Landry, Sylvinet evitava esse grilo malvado que, na sua opinião, acabaria por seguir um dia o exemplo da mãe, a qual fôra mulher de mau comportamento e abandonara o marido para acompanhar os soldados. Tinha partido como yivandeira pouco tempo depois do nascimento do saltão, e desde aquele dia nunca mais se ouvira falar nela. O marido morrera de tristeza e vergonha, e foi assim que a mãe Fadet se viu obrigada a tomar conta das duas crianças, a quem tratava muito mal, tanto por causa de sua avareza quanto de sua idade avançada, incapaz de os vigiar e de os manter asseados.

Por tôdas essas razões, Landry, que não era, entretanto, tão orgulhoso quanto Sylvinet, sentia repulsa pela pequena Fadette, e, lamentan-

do ter lido relações com ela, tratava de esconder esse fato a toda gente. Escondeu-o até mesmo do gêmeo, por não querer confessar-lhe a inquietação que sentira a seu respeito; e, de seu lado, Sylvinet escondeu-lhe todas as maldades da pequena Fadette, envergonhando-se de contar que ela adivinhara seu ciúme.

Mas o tempo passava. Na idade dos nossos gêmeos, as semanas são como os meses, e os meses como os anos, pelas modificações que trazem ao corpo e ao espirito. Em breve Landry esqueceu-se de sua aventura, e após se ter preocupado algum tempo com a lembrança de Fadette, acabou não pensando mais naquilo, como se tudo passasse de um sonho.

Cerca de dez meses tinham passado desde que Landry entrara para a Priche e já se aproximava o término de seu contrato com o pai Caillaud, que era no dia de S. João. O bom homem estava tão contente com êle que preferia ter de lhe aumentar o ordenado a vê-lo partir, e Landry, por sua vez, estava bem satisfeito de continuar na vizinhança da família, e dispôsto a renovar o contrato com a gente da Priche, que lhe convinha bastante. Ao mesmo tempo, sentia nascer uma amizade por uma sobrinha do pai Caillaud, que se chamava Madelon e era um belo pedaço de rapariga. Era mais velha um ano do que êle, e tratava-o um pouco como a uma criança; mas isso ia diminuindo de dia para dia, e, se no começo de ano, ainda ceçava dele quando se envergonhava de beijá-la ao terminar a dança, já no fim corava em vez de provocá-lo, e não ficava mais estinha com êle no estábulo ou na granja. Madelon não era pobre, e era bem possível que se combinasse um casamento entre os dois com o correr dos tempos. As duas famílias tinham boa fama e era estimadas em toda a região. E o pai Caillaud, vendo que as duas crianças começavam a se procurar e a se temer mutuamente, dizia ao pai Barbeau que poderiam formar um belo casal, e que não havia mal algum em deixar que fossem bom e longo conhecimento.

Assim, oito dias antes de S. João, ficou estabelecido que Landry continuara, ficaria na Priche e Sylvinet em casa dos pais, já que o juizo lhe chegara e que, quando o pai Barbeau adoecera de febre, o menino poubora tornar-se muito útil nos trabalhos da terra. Sylvinet tivera medo de ser mandado para longe, e essa temor agira sobre êle com bons resultados, pois, cada vez mais, procurava dominar o excesso de sua amizade por Landry, esforçando-se, ao menos, para não deixar transparecê-lo. A paz e o contentamento tinham portanto descido sobre a Bessonière, e sobre os gêmeos não se vieram senão uma ou duas vezes por semana.

Este João foi para êles um dia de felicidade; foram juntos à vila para ver o chiquei dos empregados da cidade e do campo, e a festa que

Ainda existe muita gente que pensa mal sobre o ambiente radiofônico. Sim, pensa mal, não pensa certo, porque imagina o ambiente radiofônico sem moral, sem sentimentos, sem freios. Em dez anos de vida radiofônica, dos quais sete no Rio, só encontrei duas pessoas que pensavam assim. Todos os outros muitos e muitos ouvintes com os quais tive contacto faziam justiça ao rádio e seu povo: achavam que no rádio havia o bem e o mal, como em todos os outros lugares de trabalho: ateliers e oficinas, escritórios e consultórios, repartições e instituições.

Mas sempre achei dois do "contra". E sei que existem muitos mais. Gente que chega e diz assim:

— "No rádio ninguém se casa", e numa contradição: — "Os casais estão sempre separados", ou "não existe respeito" e ainda, mais simplesmente: "O ambiente é ruim", e não serve para família. Há uns anos atrás até se chegava a dizer: "Gente de rádio não presta" — felizmente já não se pensa com tão dolorosa injustiça. As opiniões vão melhorando...

Estou pensando tudo isto depois de ter passado todo um domingo, de 9 a meia noite, debruçada sobre uma máquina de escrever, com montes e montes de discos ao lado — preparando programas que, por uma semana, tentarão distrair e ajudar minhas ouvintes que, felizmente pensam certo sobre a família radiofônica carioca.

Todo um domingo — de trabalho? de sacrifício? de aborrecimento? — nada disso. Nós, do rádio, amamos o rádio — escrever ou falar ao microfone, horas ou dias seguidos — é prazer, é ideal, é realização de um desejo sempre renovado, mais forte e mais sincero.

Nós, do rádio, trabalhamos em nossas máquinas de escrever, em nossos microfones, em nossas discotecas ou técnicas, simplesmente, honestamente, como o sapateiro em sua sua banca, o médico em seu hospital, a lavadeira em seu tanque, o juiz em sua vara. Trabalhamos, ganhamos nosso dinheiro e dele vivemos: na roupa, no pão, no teto. E não ganhamos, como muita gente pensa, rios de dinheiro. Raros são os radialistas do "pé de meia". Da casa própria. Dos carros último tipo. E esses raros tem anos e anos de trabalho e sucessos, como Francisco Alves. O grande Francisco Alves, que si muito guardou, muito deu também.

Nós, do rádio, somos unidos. Briguinhas, desentendimentos, mal-entendidos, de vez em quando existem, sim. Mas passam logo. Bem logo. E a família se admira, se quer. Haja visto o apêlo de Chico Alves, no paleo, outro dia, falando com Orlando Silva:

— "Nós queremos Orlando, ouvi-lo cantar outra vez. Ter novamente o imenso prazer espiritual de ouvir sua voz e sua interpretação de grande, muito grande, cantor. Tome outra vez interesse pela sua arte. Volte a dedicar-se a ela. Que do novo a sua arte seja o fator mais importante de sua todos nós. É o povo, o povo que o admira e o quer bem, que lhe pede. Eu lhe peço, Orlando. Eu, o Chico Alves seu amigo e seu "fan" número um..."

Chico tinha os olhos razos d'agua... Orlando Silva estava abafado. E os ouvintes, os assistentes, tinham mais uma prova da nossa união, que, na hora H, sempre aparece firme, acima das briguinhas e equívocos passageiros. O casamento de Yara e Heber, na "Noite do Até que Enfim!" — foi mais uma prova. E João Petra de Barros, cantor que vocês admiram, sofreu há pouco um acidente. Perdeu uma das pernas. Da família radiofônica quem mais se abalou, mais sofreu, quem estava mais disposto a ajudar, não foi o



## LAR, DOCE LAR...

SAGRADOR DE SCUVERO

seu "rival" Silvio Caldas. Não, que no rádio não existe disso. Foi exatamente o seu amigo Silvio Caldas, Léa Silva, que foi a primeira a lançar programa feminino no Rio, chegou da América do Norte. Um programa de rádio fez uma crônica rendendo-lhe justa homenagem e dando-lhe boas vindas.

Que programa foi esse? o de cantor? o de uma novela? O de algum que não tivesse nela a concorrente? — o rádio é unido, a família não tem "picuinhas", nem "piquezas". Foi o programa feminino da Rádio Globo, justamente.

Nós, do rádio, acima de tudo, somos honestos. Tão honestos quanto qualquer outro agrupamento humano. Falam das meninas que, no rádio, tomam caminho mau. Eu sei bem que não são as meninas do rádio. Sei bem dessas meninas que (onde andará a mãe? o controle familiar?) passam todo o dia nos corredores das estações de rádio atrás do cantor ou do locutor de que são "fans".

Escrevem-lhe cartas ardorosas, cobertas do desenho dos lábios a baton, com termos e promessas que eu não poderia repetir aqui. Luiz de Carvalho, Celso Guimarães, Nelson Gonçalves e muitos outros, tem coleções de cartas assim.

Há pouco tempo eu ouvia Luiz de Carvalho ao telefone, aconselhando uma dessas fans — "Menina, fique em casa... deixe de pensar bobagens, eu vou me casar, amo minha noiva..." E lá em dia, tal é a perseguição da classica menina (geralmente de 15 a 18 anos) que não sae da estação, escreve, telefona, que começa o namoro... e é a fama do ambiente radiofônico que cae. No entanto eu sei apenas de dois casos, em sete anos de observação, que acabaram em namoro. E vejo, diariamente, dez, quinze, adolescentes aflitas e ansiosas, pintadas e penteadas a "vamp" — descobrindo o locutor e o cantor que, muitas vezes, é um marido bom e apaixonado.

Não pense, leitora de fora, que eu estou exagerando. Nós do rádio, conhecemos o fato de cor. Sabemos bem disso.

Nós do rádio, somos acima de tudo, honestos. Eu sei, você vai dizer, que tal artista se separou da mulher, ou vice-versa. Sabe você, por acaso, que Odete Amaral é uma esposa modelo, cuida de um filho encantador, e que, Giro Monteiro, seu marido, é tão feliz no lar que chega a dizer: — "Eu devia me assinar Giro Amaral Monteiro... é uma homenagem justa a Odete..." Sabe você, por acaso, que Simone Morais e Armando Louzada na felicidade completa do lar que levantaram, além das funções radiofônicas, gastam os domingos e as horas livres pregando cortinas, pintando, cuidando sempre da casa, com uma novidade por semana e concertando os "danos" que o cachorrinho de estimação faz? Sabe você, por acaso, que nós do rádio temos conhecido casais tão felizes, tão unidos, tão ligados quanto Wilma Faria e Manoel Braga? Porém mais unidos e mais felizes que eles, nenhum. Sabe você, por acaso, que Deise Lucide, a doce e suave Deise Lucide, suave e doce ao microfone e fora dele, vai se casar breve, com seu primeiro namorado — que é o apaixonado Luiz Mendes? Sabe você que Urbano Lois, ao lado de um caracter que todos os seus colegas admiram e respeitam, de um coração grande que todos conhecem e

muitos usam, é um marido feliz e exemplar, sempre com o nome de Lídia nos lábios e nem uma preocupação que não seja a família e o rádio e os seus nobres ideais?

E assim felizes no lar, assim a serviço da família, tantos outros. Waldemar Galvão, Souza Filho, Floriano Paissal, Oswaldo Luiz, Wampré, Maestro Lazzoli, Lirio Panical, Paulo Porto e muitos, muitos mais em todas as estações.

Cesar Ladeira que tem como glória o fato de ser justamente conhecido como grande filho, bom, dedicado, extremoso. O nosso colega Ary Barroso, plantado em nossas admiração com a força da beleza de "Fu, Aquarela, Inquietação" — homem do lar e da família.

Nós do rádio, nós divertimos pouco: o horário do rádio escolhe sempre o interesse do ouvinte — mas nós não temos domingo, nem feriado, nem chuva, nem tempestade. Além do microfone sobra-nos vez ou outra. A ceia num restaurante, (e essa classe de diversão: churrasco e bate papo — só tem graça para nós, mesmo) uma sessão de cinema e, no sábado à meia noite, para os que sempre trabalham a noite. As vezes quando se dá um jeito, um teatro. Um aniversário, um casamento (e nem todos fazem a festa no Casablanca como Heber e Yara) um batizado. E mais nada. E olhe lá, que eu, por exemplo, não vejo cinema há quase dois meses. E perdi os melhores Anos de Nossa Vida, divulgado como obra de arte.

Nós, do rádio, sofremos injustiças, por vezes, no conceito público, quanto ao nosso ambiente. Quanto as salas e

corredores de nossas estações onde se trabalha e se luta.

Mas aos poucos o ouvinte vai conhecendo o seu artista. A sua estação. E a lenda vai vindo. E a verdade vai surgindo. E não existirá então um cronista dizendo que eu, fazendo o programa "O mundo não vale o seu lar", acho que a Câmara... não vale o meu lar. Esse cronista não foi a minha casa, fazer as sopas e as vitaminas que eu deixo prontas de manhã, quando saio. Nem a "limpeza geral" que eu faço aos domingos. Nem o jantar que eu "melhoro" quando chego, a noite. Nem a feira quinzenal no Largo do Machado. Nem outras coisas mais, como lavar e passar.

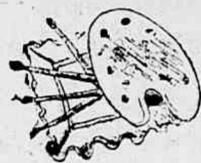
Nós, do rádio, cartazes ou "taboetas", com glória feita ou lutando para fazê-la, temos o nosso trabalho e os nossos ouvintes que aprendemos a amar. E conquistar a simpatia e o carinho dos nossos ouvintes é, para nós, trabalho sério e caro ao coração. E temos o nosso lar. E se não tivéssemos esse lar — para que precisaríamos trabalhar? E temos por esse-lar um sentimento de profundo respeito e profundo amor — exatamente como você, que graças a Deus, não precisa trabalhar — e passa dentro dele todas as suas horas.

Nós trabalhamos, e precisamos. E além disso, acima disso, temos um grande ideal a defender. Um ideal que é seu também porque é nobre e puro.

Nós, do rádio, somos simples e humanos. As vezes aparece um chapéu complicado — mas é da simples e humana, tão humana Zé Zé Fonseca. Zé Zé Fonseca de coração grande — e si não fosse assim poderia ela ser tão artista como realmente é?

E me desculpem estes desaíchos sinceros, depois de um dia de trabalho. Mas só você, minha ouvinte, minha ouvinte a quem devo minha carreira, poderia me ouvir.

E me desculpem os colegas que atingi com indiscreção, quando procurava argumentos. Perdoem a indiscreção em nome da admiração sincera que dou a todos. Era só isso que eu queria dizer, como se fala ao Vereador João Aliberio, no fim dos discursos.



## ARTES PLÁSTICAS

SILVIA

Os trabalhos de Ignez Maria Luiza Corrêa da Costa expostos no Instituto dos Arquitetos do Brasil podem ser classificados em dois grupos. O primeiro, *composição gente e flores e o segundo, paisagem.*

Preferimos o primeiro grupo que situa a disciplina de Portinari, com motivos felizes, retratos agradáveis e muitas vezes bem construídos — flores, crianças e mulheres. O quadro que reproduzimos é um belo exemplo. "A costureira" tem boas qualidades, principalmente de cor — o rosa se harmoniza com os outros tons e a artista sentiu bem o personagem vivo. É uma pintura delicada onde os contrastes de sombra e luz são equilibrados e a matéria plástica se mantém sensível e viva. O mesmo acontece em relação à todos os quadros da série que elogiamos. As crianças são bem crianças e as flores não perdem a sua expressão decorativa, mesmo quando as formas jogadas para o fundo conservam um certo convencionalismo. Em nota rápida não se pode dizer muito sobre a pintora, mas devemos acentuar que sua arte feminina é mais uma afirmação de que a mulher artista vem aprimorando o seu "mêlier".

Os trabalhos incluídos no segundo grupo — paisagens — é que ficam um pouco aquém das possibilidades da artista. Sente-se que se afasta do antigo professor e não consegue transmitir às suas cores um certo cozimento. As paisagens não festejam a nossa emoção. Ignez é mais uma pintora de "atelier" que não se dá muito bem ao ar livre. Contudo, a sua exposição agrada ao visitante, que segundo suas preferências vai selecionando os trabalhos e valorizando este ou aquele aspecto da arte de Ignez Maria Luiza Corrêa da Costa.

## "A MANHA"

ÓRGÃO DE ATAQUES... DE RISO

É o maior quinta-ferino do mundo

"MOMENTO FEMININO" QUER SER UM JORNAL REALMENTE FEMININO; PARA ISSO PRECISA DA COLABORAÇÃO, DAS SUGESTÕES DE TODOS.

ASSINE A

## Tribuna POPULAR

SR. GERENTE DA TRIBUNA POPULAR  
Avenida Presidente Antonio Carlos, 207 - 13.º - Rio de Janeiro  
Anexo um (vale postal ou cheque pagável no Rio de Janeiro à "TRIBUNA POPULAR"), na importância de Cr\$ (120,00 ou 70,00) para uma assinatura por (1 ano ou 6 meses) da "TRIBUNA POPULAR".

Nome ..... Endereço .....  
Município ..... Estado .....

**Dr. Francisco de Sá Pires**

DOCENTE DA UNIVERSIDADE

Doenças nervosas e mentais — Rua do México, 41  
Sala 806 — Diariamente — Fone 22-5954

## HOTEL GRANJA ITATIAIA (RECEM-INAUGURADO)

780 metros de alt. — Clima ótimo para repouso e week-end.  
Passelos agradáveis, escalada às Agulhas Negras.  
Informações: Rua Washington Luiz, 32-2º Fone: 28-4295.



## CINEMA

Para esta semana os cartazes anunciam:

NA SOLIDÃO DA NOITE — filme inglês. Segundo os cronistas bons, esse filme é "macabro e arripiante" com "manifestações do sobrenatural" o que parece não é muito aconselhável numa hora como esta de agora em que o macabro anda à solta...

A BANDEIRA — é uma velha copia de um filme notável. Francês, com Jean Gabin (vocês se lembram dele? O homem do "Cai das sombras", "Besta Humana", etc. Uma cara larga, inteligente e como ator é de primeira!) A direção desse filme é de Davier, que como diretor é fabuloso. Não sei que tal está a copia. Mas o filme é muito bom.

MINHA MORENA UNDA — Bob Hope produtor e Doroty Lamour "mocinha". Aqui para nós a senhora Doroty é muito "construtível". Estabeleceu um tiro de fatal demais ou fatal de menos que não é muito ou melhor para dizer a verdade, não é nada de nosso gosto. Mas há quem goste... Bob Hope é também "mocinho."

Parece que essa os grandes cartazes da semana. Há ainda:

COVARDIA — com Gregory Peck e Jean Bennett. O enredo é de Ernest Hemingway escritor americano e autor de "Por quem os sinos dobram".

FLOR DO MAL — com Hedy Lamarr, Louis Hayward e George Sanders. Pelo "trailer" é uma história de mulher fatalíssima.

Agora um pouquinho de coisas de cinema:

Como é sabido, a indústria cinematográfica é um ramo de produção bastante caro. Em 1945 a Polónia encontrava-se sem estúdios, com equipamentos, tendo todas as instalações produtoras de filmes sido destruídas pelos nazistas durante a guerra. Hoje, a Companhia "Filme Polski" possui já alguns estúdios de filmagem e uma parte considerável de seu equipamento foi produzido pelas fábricas polonesas. "Filme Polski" iniciou sua produção com pequenos filmes documentais e educativos e concluiu recentemente o seu primeiro filme de grande metragem.

E.M.

# Amemos as crianças

O espetáculo comovedor dessas crianças magrinhas e pálidas jogadas pelas calçadas, uma multidão de pequeninos famintos pedindo esmolas, a cena das mães esqueléticas sentadas nos batentes, estiradas quase no meio-fio, dá-nos vontade de gritar num apêlo: "Amemos as crianças". Salvemos as crianças!

É preciso que os poderes públicos baixem os olhos para a miséria das ruas. É preciso liquidar com a monstruosidade existente; a mortalidade infantil toma proporções catastróficas, as crianças brasileiras precisam de creches, precisam de hospitais, precisam de jardins da infância, e de escolas. As crianças brasileiras precisam viver. O problema é tão grande, tão intenso, doloroso e profundo que mesas redondas se têm realizado, jornais se têm interessado, na Câmara Municipal tem sido agitado, e os poderes públicos indiferentes aos destinos dessas criaturinhas, continuam de ouvidos fechados

a todos os apelos. Houve o caso do SAM. Reportagens surgiram tão cruéis na sua verdade que chegavam a parecer inverosímeis. Os vereadores foram ver de perto a tragédia e trouxeram testemunhos irrefutáveis. E agora? O SAM como está? O que houve para bem daquelas criaturinhas jogadas ao crime? Depois um dos vespertinos veio contando que várias e várias escolas do Distrito Federal estavam fechando suas portas por falta de dinheiro e pelas exigências dos proprietários dos prédios em que essas escolas funcionam. Que fez o govêrno?

As crianças continuam a nascer para morrer logo depois. As crianças estão famintas pedindo esmolas...



Não sabemos bem de que idade começamos a amar essas criaturinhas que são o sonho e a ambi-



ção de todas as mulheres. Em qualquer situação econômica, a mulher deseja tanto um filho. Nascidos ontem e já tão parecidos com o "papai" ou a "mamãe", num esforço de imaginação romântica, eles vão aumentando nosso desejo de felicidade. "Meu filho há de ser um grande homem!" "Vocês vão ver que mulher formidável será a minha filha!"

Mas a vida vem com os seus problemas amargos, duros, cruéis, e as nossas crianças, num país sem maternidades para o povo, sem creches e sem hospitais, não conseguem viver. O "grande homem", a "mulher formidável" não se realizam...

E o sonho daquele filho se torna um pesadelo. Como carregá-lo para o emprego? Onde deixá-lo se tem que trabalhar? Como dar-lhe leite e alimentá-lo? Como vai ele crescer?

O sonho se torna tão pesado e traz em si tanto sofrimento. Aquela mulher que ontem desejou o filho não se arrepende de tê-lo feito nascer, mas sofre enormemente por não poder vê-lo como as crianças dos anúncios, como os cartazes e as figuras: uma bolinha de carne macia, limpa, rindo muito com suas gengivas sem dentes.



Amemos as crianças!

Vamos todas, mulheres do Distrito Federal, unirmo-nos para fazer com que o govêrno olhe para essas outras mulheres como nós, mas tão mais inteligentes do que nós, as que estão nas soleiras das portas de mãos estendidas com filhos nos colos; olhar para essas meninazinhas que mulheres como nós são já tão sacrificadas hoje e com um amanhã tão incerto e muitas vezes tão cruel. Vamos amar profundamente nossas crianças exigindo que o govêrno lhes dê creches, escolas, hospitais vida.

Amemos as crianças!

